



TEXTOS E VERSÕES

O CAMINHO SOLITÁRIO, DE ARTHUR
SCHNITZLER – PEÇA EM CINCO ATOS

Anabela Mendes

Tradução¹.

Universidade de Lisboa.

E-mail: anmendes@netcabo.pt

RESUMO

Tradução da peça **O Caminho Solitário**, Arthur Schnitzler.

Palavras-chave: Tradução, O Caminho Solitário, Arthur Schnitzler.

ABSTRACT

Traslation of Arthur Schnitzler's **Der einsame Weg**.

Keywords: Translation, Arthur Schnitzler, Der einsame Weg.

1 Tradução finalizada em Outubro de 2002. Agora publicada com revisão e melhoramentos em 1.5.2018.

O Caminho Solitário, de Arthur Schnitzler
Peça em cinco atos

Tradução de Anabela Mendes

PERSONAGENS

PROFESSOR WEGRAT, Director da Academia de Artes Plásticas

GABRIELE, sua mulher

FELIX Filhos de ambos

JOHANNA

JULIAN FICHTNER

STEPHAN VON SALA

IRENE HERMS

DR. FRANZ REUMANN, médico

CRIADO em casa de Fichtner

CRIADO em casa de Sala

CRIADA de quarto em casa de Wegrat

VIENA – ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

O pequeno jardinzinho da casa do Professor Wegrat. Está quase completamente cercado por casas, de tal modo que não existe uma perspectiva ampla de visão. No jardim à direita, a pequena casa com um andar e varanda coberta em madeira, da qual partem três degraus em madeira. Entra-se tanto pela varanda como também pela direita

e pela esquerda da casa. Mais ou menos ao meio do palco há uma mesa verde de jardim com cadeiras a condizer, uma cadeira de braços mais confortável, à esquerda, junto a uma árvore, um pequeno banco em ferro.

PRIMEIRA CENA

Johanna passeia para cá e para lá no jardim, Felix entra com o uniforme dos Ulanos².

JOHANNA *(virando-se)*

Felix!

FELIX

Sim, sou eu.

JOHANNA

Bem-vindo seja.³ — Mas como é possível que já estejas outra vez de licença?

FELIX

Não é por muito tempo. — E a mamã como está?

JOHANNA

Nos últimos dias bastante suportável.

FELIX

Achas que ela apanhava um susto se eu lhe aparecesse sem ser esperado?

JOHANNA

Não. Mas é melhor esperares um pouco. Ela agora está a dormir. Acabo de vir do seu quarto. — Felix, afinal quanto tempo cá fica?

FELIX

Amanhã à noite volto a partir.

JOHANNA *(olhando ao longe)*

Partir...

FELIX

Só aparentemente é tão fabuloso. Não se chega a ir tão longe assim, em nenhum sentido.

2 Ulanos — cavaleiro polaco armado de lança que integrava o exército prussiano e o de outros territórios alemães até à Primeira Guerra Mundial. Membro da cavalaria pesada nos exércitos alemão e austríaco. A palavra tem origem turca (oghlan) e significa mancebo. (N. T.)

3 Em alemão a expressão “*Grüss dich Gott*”, à letra “*Deus te saúde*”, utilizada frequentemente e ainda hoje pelos austríacos na comunicação oral, tem um duplo sentido religioso e profano de saudação. (N. T.)

JOHANNA

Desejaste-o tanto... (*Aponta para o uniforme dele*) Agora é teu. Não estás satisfeito?

FELIX

É sem dúvida o mais sensato de tudo o que tentei fazer até hoje. Pelo menos apercebo-me agora de que em determinadas circunstâncias poderei realizar alguma coisa.

JOHANNA

Eu acho que serias capaz de fazer qualquer coisa em qualquer profissão.

FELIX

Duvido que tivesse feito o meu caminho como advogado ou como engenheiro. E, em geral, sinto-me agora particularmente melhor do que alguma vez me senti. Só às vezes me parece não ter nascido no tempo certo. Talvez devesse ter vindo ao mundo, quando não havia tanta ordem, quando nos podíamos permitir todo o tipo de coisas que hoje não nos são permitidas.

JOHANNA

Ah, mas tu és livre, podes fazer o que te apetecer.

FELIX

Mas só dentro de certos limites.

JOHANNA

De qualquer maneira eles serão mais vastos do que estes.

FELIX (*olhando à volta, com um sorriso*)

Mas isto não é uma prisão... O jardim tornou-se realmente bonito. Como parecia miserável quando éramos crianças. — Isto é o quê? Um renque de pessegueiros! Fica muito bem.

JOHANNA

Uma ideia do Dr. Reumann.

FELIX

Foi o que eu imaginei.

JOHANNA

Porquê?

FELIX

Não vejo ninguém na nossa família capaz dessas ideias práticas. De resto como estão as perspectivas dele?.. Para o lugar de Professor em Graz, naturalmente.

JOHANNA

Nada sei em particular. *(Afasta-se.)*

FELIX

Imagino que a mãe tenha aproveitado estes dias bonitos ao ar livre?

JOHANNA

Sim.

FELIX

Ainda lhe lê alguma coisa? Tentas distraí-la um pouco? Animá-la?

JOHANNA

Como se isso fosse assim tão fácil.

FELIX

É preciso fazer um esforço, Johanna.

JOHANNA

Falar é fácil, Felix.

FELIX

Que queres dizer com isso?

JOHANNA *(parecendo falar consigo mesma)*

Não sei se me consegues compreender.

FELIX *(sorrindo)*

Porque deixaria eu de repente de te compreender?

JOHANNA *(olhando calmamente para ele)*

Já não a amo tanto, desde que ela está doente.

FELIX (*surpreendido*)

Como?

JOHANNA

Não, é impossível que possas compreender isto completamente. Ela continua a afastar-se cada vez mais de nós... É como se em cada dia novos véus descessem sobre ela.

FELIX

E o que é que isso quer dizer?

JOHANNA (*Olha para ele em silêncio.*)

FELIX

Tu pensas...?

JOHANNA

Eu nunca me engano nestas coisas, sabes isso, Felix.

FELIX

Eu sei isso? ...

JOHANNA

Quando a pequena Lili von Sala estava a morrer, eu soube-o — antes que os outros se apercebessem que ela ia adoecer.

FELIX

Tinhas sonhado com isso — e eras uma criança.

JOHANNA

Eu não sonhei com isso. Eu soube-o. (*áspera*) Não consigo explicá-lo.

FELIX (*depois de uma pausa*)

E o pai — está preparado?

JOHANNA

Preparado? Pensas então que ele também vê os véus a baixarem?

FELIX (*após abanar a cabeça ligeiramente*)

São quimeras, Johanna — de certeza. — Mas agora quero... (*Volta-se para a*

casa.) O pai ainda não está em casa?

JOHANNA

Não. Ele agora costuma vir bastante tarde. Tem muito que fazer na Academia.

FELIX

Vou tentar não a acordar; vou ter cuidado. *(Sai pela varanda)*

SEGUNDA CENA

Johanna, sozinha por um instante, sentou-se numa cadeira de jardim, as mãos cruzadas sobre os joelhos. Sala entra. Tem 45 anos mas parece um pouco mais jovem. Esguio, quase magro, acabado de barbear. Cabelo louro escuro não muito curto, penteado para a direita, a começar a ficar grisalho nas fontes. Os seus traços são vincados e enérgicos, os olhos, cinzentos e claros.

SALA

Boa noite, menina Johanna.

JOHANNA

Boa noite, senhor von Sala.

SALA

Dizem-me que a senhora sua mãe está a descansar um pouco; tomei assim a liberdade de vir entretanto ao jardim.

JOHANNA

O Felix acabou de chegar.

SALA

Ah, foi? Já lhe deram outra vez uma licença? No meu tempo eram muito mais rígidos no regimento. É claro que nessa altura estávamos estacionados na fronteira, algures na Galícia.

JOHANNA

Estou sempre a esquecer-me de que o senhor também passou por isso.

SALA

Sim, já foi há bastante tempo. Não durou mais do que um par de anos. Mas foi muito agradável, quando isso me vem à memória.

JOHANNA

Como a maior parte do que já viveu.

SALA

Como tanta coisa.

JOHANNA

Não se quer sentar?

SALA

Obrigado. *(Senta-se no braço do cadeirão de jardim)* Posso? *(Tira um cigarro do maço e acende-o depois de um sinal de assentimento de Johanna)*

JOHANNA

Senhor von Sala, já está a morar na sua casa?

SALA

Mudo-me para lá amanhã.

JOHANNA

Isso dá-lhe bastante prazer?

SALA

Ainda é demasiado cedo para tal.

JOHANNA

É assim tão supersticioso?

SALA

Neste o caso — sou. — Mas essa não é a razão. Vou instalar-me apenas temporariamente, não em termos definitivos.

JOHANNA

E porquê?

SALA

Vou viajar — durante muito tempo.

JOHANNA

Ah, vai? Invejo-o bastante. Quem me dera também poder ir viajar pelo mun-

do, não ter de me importar com ninguém.

SALA

Ainda continua?

JOHANNA

Ainda continua... Que quer dizer com isso?

SALA

Bom, eu lembro-me de que era ainda uma garotinha e já esses planos de viajar ocupavam o seu pensamento. O que é que queria ser quando fosse grande? Bailarina, acho. Não era? Uma bailarina muito famosa, naturalmente.

JOHANNA

Porque é que diz isso, como se ser bailarina fosse uma coisa assim tão negativa? *(Sem olhar para ele)* Exactamente o senhor, senhor von Sala, não devia dizer isso.

SALA

E porque não eu?

JOHANNA *(olha para ele em silêncio)*

SALA

Eu não sei bem o que quer dizer com isso, menina Johanna... Ou será que eu devia... *(De modo directo)* Johanna, apercebeu-se naquela altura que eu a olhava?

JOHANNA

Quando?

SALA

No ano passado, quando a Johanna vivia no campo e eu dormi uma noite na mansarda. A lua brilhava e uma sílfide, penso, apareceu a pairar por cima do prado.

JOHANNA *(acena com a cabeça, sorrindo)*

SALA

Era para mim?

JOHANNA

Eu bem o vi atrás da cortina.

SALA *(depois de um breve silêncio)*

Calculo que não dançará assim diante de outras pessoas.

JOHANNA

Porquê? Até já dancei. E também nessa altura me viu. Foi há muito tempo. — Foi numa ilha grega. Havia muitos homens em círculo há minha volta — o senhor estava entre eles — e eu era uma escrava da Lídia.

SALA

Uma princesa cativa.

JOHANNA *(séria)*

Não acredita nessas coisas?

SALA

Se é esse o seu desejo — claro.

JOHANNA *(ficando séria)*

Devia acreditar em tudo o que os outros não podem acreditar.

SALA

Quando tiver chegado a hora, fá-lo-ei de boa vontade.

JOHANNA

Está a ver — pela minha parte sou capaz de imaginar tudo o resto, mesmo muito antes de ter vindo ao mundo pela primeira vez. E há momentos em que me recordo com bastante precisão de todo o tipo de coisas.

SALA

E um momento desses aconteceu naquela altura?

JOHANNA

Sim, há um ano, quando dançava num prado numa noite de Verão cheia de luar. Não foi com certeza a primeira vez, senhor von Sala. *(Após um breve momento, de repente num outro tom)* Afinal para onde vai de viagem?

SALA (*pegando no mesmo tom*)

Para Bactriana⁴, Menina Johanna.

JOHANNA

Para onde?

SALA

Para Bactriana. É um país muito estranho, e o mais estranho é que já não existe. Vou juntar-me a um grupo que parte para lá em Novembro. Talvez tenha lido alguma coisa no jornal.

JOHANNA

Não.

SALA

Trata-se de escavações em lugares onde talvez tenha sido erigida a antiga Cerbatana⁵ — há cerca de seis mil anos. Aconteceu muito antes do seu período lídio, como vê.

JOHANNA

Quando é que essa ideia lhe ocorreu?

SALA

Há poucos dias. Foi em conversa, por assim dizer. O conde Vronsky, que dirige a expedição, despertou em mim um grande desejo de ir, o que não foi difícil. Veio ao encontro de uma nostalgia antiga. (*Com mais vivacidade*) Pense só, menina Johanna, ver com os próprios olhos como uma cidade sepultada ressurge a pouco e pouco da terra, casa a casa, pedra a pedra, século a século. Não, não me era possível desaparecer para sempre sem realizar este desejo.

JOHANNA

Mas porque fala em morrer?

SALA

Haverá alguém honesto que num certo momento e do fundo da sua alma não deixe de pensar nisso?

JOHANNA

Nunca um desejo seu ficou por realizar.

⁴ Bactriana, cuja capital era conhecida por Bactria, Bactres ou Bactros, foi um país da Ásia central, onde residiram alguns dos reis das antigas dinastias da Pérsia. Bactria parece ter sido a cidade de nascimento de Zoroastro. Esta cidade encontra-se associada à mitologia greco-latina através da figura de Mémnon, rei dos Etiópios e herói da Guerra de Tróia que, segundo algumas fontes, se pensa ter aí nascido. Algumas narrativas mitológicas referem no plano das lutas territoriais, a figura de Nino, fundador mítico da cidade de Ninive e do Império Babilónico, que terá devastado Bactriana com a ajuda de Semíramis, sua mulher e sucessora no trono imperial, também ela originária de Bactria.

A região mencionada pela personagem Sala situa-se na área entre os actuais países Irão e Iraque. (N. T.)

⁵ Cidade, entre as margens dos rios Tigre e Eufrates, onde a rainha Semíramis mandou construir inúmeras fontes, para assim assinalar a sua passagem por esse lugar, no tempo em que comandava um exército considerável que se dirigia para Media. (N. T.)

SALA

Nenhum...?

JOHANNA

Eu sei que também já passou por muita coisa triste. Mas às vezes penso que também o desejei.

SALA

Desejei...? Quando isso aconteceu, deu-me prazer, é bem provável que tenha razão.

JOHANNA

Como eu percebo isso bem! Uma vida sem dor seria tão mesquinha como uma vida sem alegria. *(Pausa)* Foi há quanto tempo?

SALA

Que quer dizer?

JOHANNA *(baixo)*

Que a senhora von Sala morreu.

SALA

Foi há sete anos, quase acertou no dia.

JOHANNA

E a Lili... no mesmo ano?

SALA

Sim, a Lili morreu um mês depois. Ainda pensa às vezes na Lili, menina Johanna?

JOHANNA

Frequentemente, senhor von Sala. Desde então não voltei a ter nenhuma amiga. *(Para si mesma)* Também ela agora deveria ser tratada por “menina”. Ela era muito bela. Tinha um cabelo tão escuro com reflexos azulados como a sua mulher e olhos tão claros como os seus, senhor von Sala. *(Para si mesma)* “Agora fostes ambas, fostes de mãos dadas, pela negra estrada para luminosa morada...”

SALA

Que memória a sua, Johanna.

JOHANNA

Foi há sete anos... Que estranho.

SALA

Porquê estranho?

JOHANNA

Está a construir uma casa e desenterra cidades perdidas e escreve versos singulares, — e pessoas que lhe disseram tanto, já estão há sete anos debaixo da terra e apodrecem, — e o senhor ainda é tão novo. Como tudo isto é incompreensível!

SALA

Tu, que continuaste a viver, pára de chorar, diz Omar Nameh, filho de um caldeireiro, nascido em Bagdad, no ano 412 da era maometana. Aliás conheço alguém com oitenta e três anos de idade que enterrou duas mulheres, sete filhos, já sem falar nos netos, e que toca piano num reles cabaré no Prater,⁶ Enquanto artistas de ambos os sexos se apresentam em maillots e sainhas esvoaçantes. E recentemente, quando o miserável espectáculo tinha chegado ao fim e se apagavam as luzes, sem razão aparente e alheado de tudo, ele continuou a tocar no seu horrível piano velho. E lá o convidámos, Vronsky e eu, a sentar-se à nossa mesa e pusemo-nos à conversa com ele. E foi quando ele nos contou que a última peça que ele tinha tocado, era uma composição sua. Demos-lhe naturalmente os parabéns. E os seus olhos ganharam brilho, e com voz trémula perguntou-nos: “Os senhores acham que a minha obra vai ter êxito?” Oitenta e três anos de idade tem ele e a sua carreira acaba num cabaré no Prater, e o seu público são criadas de fora e sargentos e a sua única ambição é — ser aplaudido por eles!

TERCEIRA CENA

Johanna. Sala. Doutor Reumann

DOUTOR REUMANN

Boa noite, menina Johanna. Boa noite, senhor von Sala. (*Estende a mão a ambos*) Como estão?

SALA

Óptimos. Não pense que estamos à sua mercê, só porque uma vez nos foi dada a honra de o consultarmos!

6 O Prater é o maior espaço verde no centro de Viena, com uma área de cerca de dois mil hectares. Este parque gigantesco está enquadrado pelo Danúbio e pelo Canal do Danúbio e alberga uma enorme e variada quantidade de estruturas de lazer e divertimento. (N.T.)

DOUTOR REUMANN

Eu até já tinha esquecido isso. Mas há pessoas que pensam exactamente assim. — A sua mãe está a descansar, menina Johanna?

JOHANNA (*ficou perturbada pela breve conversa entre o médico e Sala e olha para Sala atentamente*)

Ela já deve estar acordada. O Felix está ao pé dela.

DOUTOR REUMANN

O Felix...? Não me telegrafaram por causa dele?

JOHANNA

Não, tanto quanto sabe. Quem poderia então ter...?

DOUTOR REUMANN

Pensei apenas. O seu pai às vezes fica tão receoso.

JOHANNA

Lá vêm eles.

QUARTA CENA

Johanna. Sala. Doutor Reumann. Senhora Wegrat e Felix entram pela varanda.

SENHORA WEGRAT

Seja bem aparecido,⁷ Caro doutor. O que diz à surpresa?

(Apertos de mão amigáveis entre os cavalheiros.)

SENHORA WEGRAT

Boa noite, senhor von Sala.

SALA

Apraz-me, querida senhora, vê-la tão bem.

SENHORA WEGRAT

Sim, sinto-me um pouco melhor. Não fora a chegada da triste estação do ano.

SALA

Mas, querida senhora, agora é que os dias mais bonitos estão a chegar. Quando as florestas resplandecem de vermelho e amarelo, a neblina dourada cobre

⁷ Expressão análoga à da 1ª cena, 2ª réplica de Johanna: "Grüss' Sie Gott" (N. T.)

as colinas e o céu se distancia e empalidece, como se estremecesse perante a sua própria infinitude!

SENHORA WEGRAT

Quem dera voltar a ver isso uma vez mais.

DOUTOR REUMANN (*reprovativo*)

Querida senhora —

SENHORA WEGRAT

Perdoe-me, mas às vezes vêm-me à cabeça tais pensamentos. (*Mais jovial*) Se eu ao menos soubesse, durante quanto tempo vou poder contar com o meu bom doutor.

DOUTOR REUMANN

A esse respeito posso sossegá-la, querida senhora: eu fico em Viena.

SENHORA WEGRAT

Como? Isso já está decidido?

DOUTOR REUMANN

Sim.

FELIX

É então verdade que um outro foi chamado para Graz?

DOUTOR REUMANN

Isso não. Mas o outro, para quem o lugar estava praticamente certo, partiu o pescoço num passeio pela montanha.

FELIX

Então as suas hipóteses estariam agora melhores do que nunca? Quem para além de si seria então ainda de considerar?

DOUTOR REUMANN

As minhas hipóteses não seriam agora certamente más. Mas eu preferi desistir.

SENHORA WEGRAT

Como?

DOUTOR REUMANN

Eu renuncio à nomeação.

SENHORA WEGRAT

É assim tão supersticioso?

FELIX

É assim tão orgulhoso?

DOUTOR REUMANN

Nem uma coisa nem a outra. Mas só a ideia de me vir a aproveitar da infelicidade de outra pessoa, seria para mim extraordinariamente dolorosa. Metade da minha vida ficaria estragada. Como vê, não é nem superstição nem orgulho, é pura vaidade vulgar e mesquinha.

SALA

Isso é rebuscado, senhor doutor.

SENHORA WEGRAT

De tudo o que disse, fixei apenas que o senhor fica. Sim, pensamos de forma tão limitada, quando estamos doentes.

DOUTOR REUMANN (*afastando-se do assunto de propósito*)

Bom, Felix, então agrada-lhe estar na sua guarnição?

FELIX

Imenso.

SENHORA WEGRAT

Meu filho, estás mesmo satisfeito?

FELIX

Estou-vos muito grato. Em especial a ti, mamã.

SENHORA WEGRAT

Porquê a mim em especial? A última decisão acabou por ser do pai.

DOUTOR REUMANN

É claro que ele teria ficado mais contente, se o Felix tivesse escolhido uma profissão mais pacífica.

SALA

Hoje em dia não há sequer nenhuma que pudesse ser mais pacífica.

FELIX

Tem toda a razão, senhor von Sala. — Aliás trago-lhe cumprimentos do tenente-coronel Schrotting.

SALA

Muito obrigado. Então ele ainda se lembra de mim?

FELIX

Não apenas ele. Estamos constantemente a ser lembrados da sua pessoa — às refeições. O seu retrato está pendurado na messe, ao lado de muitos outros de antigos oficiais do nosso regimento.

QUINTA CENA

Johanna. Sala. Doutor Reumann. Felix. Senhora Wegrat. — Professor Wegrat entra.

WEGRAT

Boa noite. — Como, Felix, estás cá outra vez? Mas que surpresa!

FELIX

Boa noite, papá. Pedi uma licença por dois dias.

WEGRAT

Licença... Licença? É uma a sério? Ou não passa outra vez de um pequeno golpe de magia?

FELIX *(num tom ligeiro, sem ofensa)*

Pai, eu não tenho por hábito mentir.

WEGRAT *(também em tom de brincadeira)*

Eu não te quis ofender, Felix. Mesmo que fosses desertor, a saudade da mãe bastaria como justificação.

SENHORA WEGRAT

A saudade dos pais!

WEGRAT

Claro — de nós todos. Mas como agora estás um pouco adoentada, passas a

ser a personagem principal. — Bom, Gabriele, como está? Melhor, não é verdade? *(Em voz baixa, quase sussurrante)* Minha querida... *(Faz-lhe festas na testa e no cabelo)* Querida... O ar está tão ameno.

SALA

Está um Outono magnífico.

DOUTOR REUMANN

O senhor só agora vem da Academia, Professor?

WEGRAT

Sim. Agora também sou presidente, há lá sempre uma quantidade de coisas para fazer — e nem sempre coisas agradáveis e gratificantes. Mas diz-se que eu fui feito para isto. É capaz de ser verdade. *(Sorrindo)* Certa vez alguém disse que eu era funcionário ao serviço da arte.

SALA

Não seja muito injusto consigo próprio, senhor Professor.

SENHORA WEGRAT

Se calhar também voltaste a vir a pé todo o longo caminho?

WEGRAT

Até fiz um pequeno desvio — pelo forte dos Turcos.⁸ Gosto tanto deste caminho. Em noites como a de hoje, toda a cidade lá em baixo parece estar banhada por uma aura de prata. — A propósito, trago cumprimentos para ti, Gabriele. Encontrei a Irene Herms.

SENHORA WEGRAT

Ela está em Viena?

WEGRAT

De passagem. Ela quer visitar-te um destes dias.

SALA

Ela ainda tem contrato em Hamburgo?

WEGRAT

Não. Abandonou a cena, como me contou, e vive no campo em casa de uma irmã casada.

8 Referência ao lugar onde os turcos se entrencharam antes de terem sido expulsos de Viena por John Sobressi, no ano de 1683. Esta fortificação faz hoje parte do parque homónimo *Türkenschanz*, localizado em Döbling, um dos bairros da zona noroeste da Grande Viena. Um pouco mais a sul deste parque, e virado para ele, está situado o Observatório Astronómico, perto do qual Schnitzler viveu durante bastantes anos. (N.T.)

JOHANNA

Uma vez via-a representar numa peça sua, senhor von Sala.

SALA

Mas nessa altura a menina Johanna ainda devia ser muito pequena.

JOHANNA

Ela fazia de princesa espanhola.

SALA

Infelizmente. Princesas não eram na verdade o forte dela. Em toda a sua vida ela nunca foi capaz de dizer texto em verso.

DOUTOR REUMANN

E hoje em dia ainda pensa nisso, senhor von Sala, ainda pensa que uma qualquer senhora disse mal os seus versos?

SALA

E porque não, caro doutor? Se vivesse no centro da terra, saberia que todas as coisas têm o mesmo peso. E se pairasse no centro do universo, então presumiria que todas as coisas têm igual importância.

SENHORA WEGRAT

Qual é o aspecto dela?

WEGRAT

Ela ainda continua bastante bonita.

SALA

Ainda continua parecida com o quadro que está exposto no museu?

FELIX

Que quadro é esse?

JOHANNA

Há um quadro dela no museu?

SALA

Certamente que o conhece. “Actriz” é como vem no catálogo, simplesmente “Actriz”. Uma mulher jovem, com um fato de arlequim, uma toga grega por

cima, aos pés, um emaranhado de máscaras. Ela está completamente sozinha, o olhar fixo nos espectadores, num palco vazio e meio escurecido, rodeada de cenários que não se ajustam entre si. Um bocado de parede da sala, um bocado de floresta, um bocado de castelo esquecido...

FELIX

E o fundo mostra uma paisagem meridional com palmeiras e plátanos...?

SALA

Sim. E está meio levantado, de tal modo que por detrás dele ainda se vê a brilhar, em plena luz do dia, uma pilha de móveis, degraus, canecas, coroas.

FELIX

Mas esse é o quadro do Julian Fichtner?

SALA

Exactamente.

FELIX

Eu não fazia ideia nenhuma de que a figura feminina representava Irene Herms.

WEGRAT

Há mais de vinte e cinco anos que ele pintou o quadro. Naquela época causou grande sensação. Foi o seu primeiro grande sucesso. E hoje talvez haja uma grande quantidade de pessoas que já nem o seu nome conhece. — Aliás perguntei à Irene Herms por ele. Mas por estranho que pareça, também a “eterna amiga” não sabe, por onde ele anda a vagabundear neste mundo.

FELIX

Eu falei com ele há poucos dias.

WEGRAT

Como?! Tu viste o Julian Fichtner? Ele estava em Salzburg? Mas quando?

FELIX

Foi há três ou quatro dias. Ele veio ter comigo e passámos uma noite a conversar.

SENHORA WEGRAT (*olha de relance para o Doutor Reumann*)

WEGRAT

Então como é que ele está? O que te contou ele afinal?

FELIX

Tornou-se um pouco grisalho, mas de resto não me pareceu muito mudado.

WEGRAT

Há quanto tempo está ele fora de Viena? Dois anos, não é?

SENHORA WEGRAT

Um pouco mais.

FELIX

Ele fez grandes viagens.

SALA

Sim, uma vez por outra fui recebendo um postal dele.

WEGRAT

Nós também. Mas pensei que o senhor mantivesse com ele uma correspondência regular.

SALA

Regular? Não.

JOHANNA

Ele não é seu amigo?

SALA

Em geral não tenho amigos. E quando os tenho, renego-os.

JOHANNA

Mas em tempos foram íntimos um do outro.

SALA

Na verdade, mais ele comigo do que eu com ele.

FELIX

Que quer dizer com isso, senhor von Sala?

JOHANNA

Eu compreendo isso muito bem. É o que sente em relação à maior parte das pessoas.

SALA

É isso, mais ou menos.

JOHANNA

Isso também se nota nas coisas que escreve.

SALA

Espero. Senão também qualquer outro as podia escrever.

WEGRAT

Então ele não disse, quando volta a Viena?

FELIX

Acho que em breve. Mas muito preciso ele não foi.

JOHANNA

Gostava de voltar a ver o senhor Fichtner. Gosto de pessoas como ele.

WEGRAT

Que queres dizer com “pessoas como ele”?

JOHANNA

Aquelas que estão sempre a chegar de longe.

WEGRAT

Mas quando o conheceste, Johanna, ele até vinha a maior parte das vezes de bastante perto... Ele vivia mesmo aqui.

JOHANNA

Pouco importa se ele vivia aqui ou em qualquer outro lugar. — Mesmo quando vinha diariamente, para mim era como se ele viesse sempre de muito longe.

WEGRAT

Claro...

FELIX

Também muitas vezes senti o mesmo.

WEGRAT

Não é estranho como ele anda a correr mundo, pelo menos nos últimos anos?

SALA

Não estará ele mergulhado nesta inquietude desde sempre? O senhor chegou a andar com ele na Academia.

WEGRAT

Sim. E era preciso tê-lo conhecido nessa altura, para o conhecer verdadeiramente. Quando era jovem, ele tinha qualquer coisa de fascinante, era um deslumbramento. Nunca conheci ninguém a quem se adequasse tão bem a palavra “promissor” como a ele.

SALA

Bem, ele até manteve muitas dessas promessas.

WEGRAT

Mas o que ele não poderia ter alcançado!...

DOUTOR REUMANN

Eu penso que o que se quer alcançar, se alcança mesmo.

WEGRAT

Nem sempre. Não há dúvida que o Julian estava talhado para grandes voos. O que lhe faltou foi a capacidade de concentração, a paz interior. Ele não se sentia à vontade em nenhum lado, nem por muito tempo; e o azar dele foi também ter-se agarrado aos seus trabalhos apenas, digamos, de forma passageira.

FELIX

Ele mostrou-me alguns esboços que fez recentemente.

WEGRAT

Bons?

FELIX

Eu achei que havia neles qualquer coisa de comovente.

SENHORA WEGRAT

Porquê comovente? Que tipos de quadros eram afinal?

FELIX

Paisagens. Quase tudo lugares mesmo bastante alegres.

JOHANNA

Uma vez em sonhos vi uma paisagem primaveril, muito ensolarada e amena, e apesar disso ela fez-me chorar.

SALA

Pois, muitas vezes a tristeza está mais profundamente impregnada nas coisas do que se suspeita.

WEGRAT

Então ele está outra vez a trabalhar? Talvez se possa mesmo esperar qualquer coisa fora do comum.

SALA

No caso de alguém que em tempos foi artista, é sempre possível ser-se surpreendido.

WEGRAT

Pois, assim é, senhor von Sala. Essa é mesmo a grande diferença. Tratando-se de um funcionário, bem podemos estar descansados desse ponto de vista. *(Com auto-ironia divertida)* Todos os anos ele pinta um quadrinho bem comportado para a exposição e, por muito que queira, nada mais consegue fazer.

DOUTOR REUMANN

A questão ainda continua a ser, quem faz avançar o mundo e a arte: funcionários como o senhor, senhor Professor, ou... Os chamados génios.

WEGRAT

Oh, não tenho a mínima intenção de fazer o papel de modesto. Mas no que diz respeito aos génios, é melhor não falarmos deles. Trata-se de um mundo à parte e indiscutível — como os elementos.

DOUTOR REUMANN

Devo confessar que tenho uma opinião completamente diferente.

WEGRAT

Afinal só podemos falar de pessoas, cujos limites sejam conhecidos. E eu descobri que aquele que melhor avalia os seus limites, é o melhor homem. E deste ponto de vista tenho seguramente todas as razões para ter respeito por mim próprio. — Não tens frio, Gabriele?

SENHORA WEGRAT

Não.

WEGRAT

Aconchega um pouco mais a écharpe e anda dar um pequeno passeio, dentro dos limites do jardim.

SENHORA WEGRAT

Com prazer. — Doutor, por favor, venha, dê-me o braço. Ainda nem sequer se ocupou da sua paciente.

DOUTOR REUMANN

Estou às suas ordens.

(Os outros vão à frente, Johanna com o irmão. O Professor com Sala; o Doutor Reumann e a senhora Wegrat parecem segui-los, até a senhora Wegrat parar de repente)

SEXTA CENA

Senhora Wegrat. Doutor Reumann.

SENHORA WEGRAT

Reparou como os olhos dele brilhavam — os olhos de Felix, quando se falou dele? Foi estranho.

DOUTOR REUMANN

Homens do género deste senhor Fichtner têm certamente qualquer coisa de interessante para os jovens. À sua volta é como se houvesse uma aura de mistério.

SENHORA WEGRAT *(abanando a cabeça)*

E ele visitou-o... Sem dúvida que só viajou até Salzburg para o voltar a ver. Ele está a começar a sentir-se bastante abandonado.

DOUTOR REUMANN

Por que não se haveria de visitar um jovem amigo, quando se está perto do lugar onde ele mora? Não me parece que isso tenha alguma coisa de estranho.

SENHORA WEGRAT

Talvez tenha razão. Talvez há pouco tempo eu tivesse encarado assim a questão. Mas agora, perante a perspectiva... Não, doutor, não quero ser patética.

DOUTOR REUMANN

Não é o *pathos* que me incomoda, apenas a patetice.

SENHORA WEGRAT (*sorrindo*)

Agradeço-lhe. — Em todo o caso, tenho ocasião de reflectir sobre muitas coisas. Não vale a pena levar isto tão a sério, querido amigo. Sabe bem que só lhe contei tudo isto para poder falar sobre coisas passadas com uma pessoa inteligente e sensível; e não para ser absolvida de uma qualquer culpa.

DOUTOR REUMANN

Causar felicidade, se me permite usar uma expressão completamente imbecil, é melhor do que estar isento de culpa. E como isso lhe foi concedido, fez obviamente tudo bem...

SENHORA WEGRAT

Como posso ouvi-lo falar assim!

DOUTOR REUMANN

Não tenho razão?

SENHORA WEGRAT

Como se eu não sentisse tão bem que todos nós, enganados e enganadores, devêssemos ser, para si em particular, igualmente desprezíveis.

DOUTOR REUMANN

Porquê para mim em particular? Querida senhora, aquilo a que chamais desprezo — se é que alguma vez senti alguma coisa assim —, mais não era do que inveja disfarçada. Ou imagina que não tive vontade de conduzir a minha vida como vi tantos outros fazerem? Falta-me talento. Apenas isso. Para ser sincero, querida senhora — a maior nostalgia que em mim trago é a de ser um patife, um tipo que dissimula, seduz, escarnece, passa por cima de cadá-

veres. Mas devido a uma falha no meu temperamento estou condenado a não passar de uma pessoa decente — e o que talvez cause ainda mais dor, é ouvir de todas as pessoas que eu sou assim.

SENHORA WEGRAT *(esteve a ouvi-lo com um sorriso)*

Será que nos confiou a verdadeira razão que o prende a Viena...?

DOUTOR REUMANN

Com certeza. Na verdade não tenho outra. Não tenho o direito de ter outra. Não falemos mais disto.

SENHORA WEGRAT

Será que não somos tão bons amigos que eu não possa falar consigo à vontade sobre tudo? Eu até sei em que é que está a pensar. Mas julgo que estaria ao seu alcance afugentar certas ilusões e sonhos da alma de uma jovem. Seria para mim um verdadeiro alívio, se eu o pudesse saber entre estas pessoas que me são tão próximas, e que afinal nada sabe umas das outras, mal conhecem o que as liga umas às outras e parecem destinadas a voos de inconstância, umas em relação às outras, sabe Deus para onde.

DOUTOR REUMANN

Falaremos destas coisas, querida senhora, quando chegar a ocasião.

SENHORA WEGRAT

Eu não tenho remorsos. Acho que nunca tive remorsos. Mas sinto que há qualquer coisa que não está bem. Se calhar foi apenas o estranho brilho nos olhos de Felix a causa desta inquietude. Mas não é esquisito — quase estranho, pensar que uma pessoa como ele possa correr mundo, e por ele seja despertado, e nunca tenha percebido a quem agradecer tê-lo trazido ao mundo?

DOUTOR REUMANN

Nada de generalizações, querida senhora. Elas fazem com que as coisas mais sólidas estremeçam e vacilem, e com que os olhos mais clarividentes comecem a ver tudo turvo. Mas, pela minha parte, acho que uma mentira que provou tão bem ser capaz de sustentar a paz num lar, é pelo menos tão digna de respeito como uma verdade que mais não fez do que destruir a imagem do passado, perturbar os sentimentos no presente e confundir a visão do futuro. *(Ele prossegue o seu caminho com ela)*

SÉTIMA CENA

Johanna e Sala.

JOHANNA

Acabamos sempre por voltar aos mesmos lugares. O seu jardim é bem maior, senhor von Sala?

SALA

O meu jardim é a própria floresta — para pessoas que não deixam a fantasia ser incomodada por estreitas grades.

JOHANNA

A sua casa ficou bonita.

SALA

Conhece-a?

JOHANNA

Voltei a vê-la há pouco tempo, pela primeira vez desde há três anos.

SALA

Há três anos nem sequer tinha sido colocada a primeira pedra.

JOHANNA

Para mim já lá estava desde esse tempo.

SALA

Que misteriosa...

JOHANNA

Nem tanto. Basta que se lembre. Uma vez demos um passeio até Dornacho,⁹ Os meus pais, o Felix e eu. Foi aí que o encontrámos e ao senhor Fichtner, e isso foi exactamente no lugar onde a sua casa ia ser construída. E agora está tudo tal e qual como então a descreveu.

SALA

Como aconteceu ter ido para esses lados?

JOHANNA

Eu agora vou passear muitas vezes sozinha, desde que a mamã está doente...

⁹ Um subúrbio na direcção ocidental de Viena e não muito distante do lugar onde é imaginada a morada da família Wegrat. (N. T.)

SALA

E quando passou então pela minha casa?

JOHANNA

Não foi há muito... Hoje.

SALA

Hoje?

JOHANNA

Sim. Dei a volta à casa toda.

SALA

Deu? À casa toda? Também viu a pequena porta que dá directamente para a floresta?

JOHANNA

Sim. Mas desse ângulo a casa é quase invisível. A vegetação é muito cerrada. — Onde pôs afinal os bustos dos imperadores romanos?

SALA

Estão sobre colunas à entrada de uma alameda. Mesmo ao lado há um pequeno banco de mármore e em frente do banco de mármore mandei fazer um pequeno lago.

JOHANNA *(diz que sim com a cabeça)*

Tal como então nos contou... E a água cintila em cinzento-esverdeado... e as matinais sombras das faias reflectem-se nela. — Eu sei. *(Ela olha para ele e sorri. Afastam-se ambos)*

SEGUNDO ACTO

Em casa de Julian Fichtner. Sala confortável, bastante elegante, um pouco desordenada. Grandes armários com livros. Há livros empilhados em cima de duas cadeiras; em cima de outra, uma mala de viagem aberta. - Julian está sentado à mesa de trabalho, tira papéis das gavetas, rasga alguns e atira-os para o cesto dos papéis.

PRIMEIRA CENA

Julian e criado. Depois Sala.

O CRIADO *(anuncia)*

O senhor von Sala *(Sai.)*

SALA *(entra. – O hábito de Sala andar para cá e para lá enquanto fala, torna-se mais evidente durante esta cena. De vez em quando senta-se por um momento, às vezes, apenas no braço de uma poltrona. Casualmente fica de pé junto a Julian, põe-lhe a mão no ombro enquanto fala. Durante a cena, por duas ou três vezes, toca discretamente com a mão no lado superior esquerdo do peito, como se aí sentisse um mal estar).*

JULIAN

Que prazer. *(Aperto de mãos.)*

SALA

Chegou então hoje de manhã cedo?

JULIAN

Sim.

SALA

E é para ficar —?

JULIAN

Ainda não é certo. Estou no meio de alguma desordem, como vê. Receio que alguma vez reine aqui alguma ordem. Vou deixar esta casa.

SALA

É pena. Estava tão habituado a ela. Para onde se vai então mudar?

JULIAN

É possível que temporariamente não tenha morada certa e ande por aqui e por acolá como nos últimos anos. Estou mesmo a pensar em desfazer-me das minhas coisas em leilão.

SALA

Essa ideia não me agrada particularmente.

JULIAN

De facto, agradar também não me agrada. Mas a questão financeira também tem de ser levada em conta. Nestes últimos anos gastei demasiado e tenho

de me reequilibrar de alguma maneira. Mais tarde voltarei a instalar-me de novo. Alguma vez terei de voltar ao sossego e ao trabalho. — Bom, como tem passado? Que é feito dos nossos amigos e conhecidos?

SALA

Então ainda não viu ninguém?

JULIAN

Ninguém. Foi o único a quem escrevi a dizer que estava cá.

SALA

Então ainda não foi a casa dos Wegrat?

JULIAN

Não. Hesito até em lá ir.

SALA

Como?

JULIAN

A partir de certa idade o melhor seria não voltarmos a pisar os lugares onde estivemos na juventude. Dificilmente voltamos a encontrar as coisas e as pessoas como as deixámos. Não acha? — A senhora D. Gabriele deve ter mudado muito desde que adoeceu. Pelo menos foi o que me disse o Felix. Preferia evitar vê-la. Tem de compreender, Sala.

SALA *(um pouco surpreendido)*

Claro que compreendo. Quanto tempo esteve sem receber notícias de Viena?

JULIAN

Eu sempre parti antes das minhas cartas. Nenhuma me apanhou desde há duas semanas. *(Embaraçado.)* Então que se passa?

SALA

A senhora D. Gabriele morreu há cerca de oito dias.

JULIAN

Oh! *(Ele fica muito comovido, anda de um lado para o outro da sala, a seguir senta-se e pouco depois diz)* Já era de esperar e apesar disso...

SALA

Ela teve uma santa morte — como sempre desejam acreditar aqueles que cá ficam. Enfim, uma noite ela adormeceu tranquilamente e não voltou a acordar.

JULIAN (*baixinho*)

Pobre Gabriele! — Viu-a nestes últimos tempos?

SALA

Sim. Ia lá a casa quase todos os dias.

JULIAN

Ah, sim?

SALA

A Johanna pediu-me. Ela começou mesmo a ter medo de ficar sozinha com a mãe.

JULIAN

Medo?

SALA

A doença da senhora desenvolveu nela uma espécie de pavor. Agora está bastante mais calma.

JULIAN

Que estranha criatura... — E o nosso amigo, o Professor, como reagiu ele a esta perda? Aceitando a vontade de Deus, não é verdade?

SALA

Caro Julian, o homem tem uma carreira. Acho que dificilmente conseguimos compreender isso, nós que neste preciso momento somos contemplados pelos deuses — e, às vezes, somos menos do que seres humanos.

JULIAN

É claro que o Felix ainda cá está?

SALA

Falei com ele há uma hora e comuniquei-lhe que você ainda cá estaria. Ele mostrou-se muito feliz com a visita que lhe fez em Salzburg.

JULIAN

Assim me pareceu. Fez-me muito bem. Aliás, ando a pensar ir viver para Salzburg.

SALA

Para sempre?

JULIAN

Durante algum tempo. Também por causa do Felix. A sua natureza jovial toca-me tanto, até me faz sentir mais novo. Se ele não fosse meu filho, era capaz de ter inveja dele — e não apenas pela sua juventude. *(Sorrindo)* Assim nada mais me resta senão amá-lo. Devo dizer que me sinto um pouco envergonhado por ter de fazer tudo isto em segredo.

SALA

Esses sentimentos não chegam um pouco fora de tempo?

JULIAN

Já há muito que eles existem, mesmo sem eu me ter apercebido. E depois, como sabe, eu vi o rapaz pela primeira vez já ele tinha dez ou onze anos de idade, e foi nessa altura que soube que ele era meu filho.

SALA

Deve ter sido estranho esse seu reencontro com a senhora D. Gabriele, dez anos depois de terem cometido a vergonhosa traição — como teriam dito os nossos avós.

JULIAN

Nem sequer foi assim tão estranho. Aconteceu espontaneamente. Pouco depois de eu ter regressado de Paris, encontrei por acaso o Wegrat na rua. De vez em quando sabíamos um do outro e cumprimentámo-nos como velhos amigos. Há pessoas que nasceram para destinos assim... E no que toca à Gabriele —

SALA

Ela perdoou-lhe, claro.

JULIAN

Perdoou? Sim e não. Só uma vez falámos do passado — ela sem reprovação, eu sem arrependimento; como se aquela história tivesse acontecido a outros e não a nós. E depois nunca mais. Eu quase acreditei que aquela época se apagara por

milagre da sua memória. E, na verdade, entre esta mulher serena e aquele ser que eu amara em tempos não havia qualquer verdadeira relação. E ao pequeno, como bem sabe, não me afeiçoei muito mais do que me teria afeiçoado se fosse uma qualquer outra criança bonita e dotada. — Certo é que há dez anos a minha vida era diferente do que é hoje. Nessa altura havia ainda tanta coisa certa que desde então se me escapou. Foi com os anos que aquela casa me passou a atrair cada vez mais, a ponto de aí me sentir completamente à vontade.

SALA

Espero que não me tenha levado a mal, eu nessa altura ter começado a perceber a relação.

JULIAN

Mesmo assim, devia pensar que eu não era muito sensato...

SALA

Porquê? Eu também acho que, na sua essência, a vida familiar tem qualquer coisa de muito belo. Só que isso deveria, apesar de tudo, ser experimentado no seio da própria família.

JULIAN

Sabe bem que eu próprio às vezes me envergonhava do que havia de absurdo nesta relação. Essa foi uma das razões que me fez partir. Naturalmente houve outras coisas que me desgostaram. Em especial, o facto de não ter tido grande sucesso com os meus trabalhos.

SALA

Mas já há muito tempo que não expunha nada.

JULIAN

Também não me estou a referir ao sucesso público. A disponibilidade interior teimava em não voltar e tive esperança que, também dessa vez, as viagens me pudessem ajudar, tal como acontecera no passado.

SALA

E que foi então feito de si? Ouvimos falar de si tão raramente! Bem me podia ter escrito mais vezes e com mais pormenores. Sabe bem como eu o aprecio mais do que à maioria das pessoas. Nós somos tão hábeis a dar as deusas um ao outro — não acha? As pessoas que gostam de frases pomposas chamam a

uma relação deste tipo amizade. Aliás não seria impossível que no século passado nos tivéssemos tratado por “tu”, ou mesmo que você tivesse chorado nos meus braços. Senti muitas vezes a sua falta nestes dois anos - a sério! Quanta vez em passeios solitários não me lembrei das nossas belas e longa conversas no parque de Dornbach, onde procurávamos resolver até ao passeio seguinte (*citando*) “as coisas mais profundas e mais elevadas deste mundo”. — Julian, afinal de onde vem você?

JULIAN

Do Tirol. Dei grandes passeios a pé ao longo deste Verão. Tornei-me alpinista em honra dos meus velhos tempos. Passei até uma semana numa daquelas pastagens alpinas... Sim, fiz todo o tipo de coisas. Coisas que se fazem, quando se está sozinho.

SALA

Esteve mesmo sozinho?

JULIAN

Sim.

SALA

Durante os últimos anos?

JULIAN

Abstraindo de umas poucas interrupções ridículas — sim.

SALA

Ora, isso teria sido possível evitar.

JULIAN

Eu sei. Mas não me posso dar por satisfeito com o que ainda me está reservado nesta matéria. Sala, eu fui muito mimado. Até uma certa época, a minha vida foi como um êxtase de ternura e paixão, digamos mesmo, de poder. E isso chega ao fim. Ah, Sala, quantas mentiras piedosas eu não tive de roubar, mendigar, comprar, nestes últimos anos! Sinto nojo de mim quando olho para trás, e tenho pavor quando penso no futuro. E pergunto-me: não restará, de facto, nada de toda essa incandescência com que abracei o mundo, para além de uma espécie de raiva louca por tudo ter chegado ao fim — por eu, eu me ter de submeter às leis humanas como qualquer outro?

SALA

Porquê tanta amargura, Julian? Há ainda muita coisa a fazer ao cimo da terra, mesmo quando certos prazeres e alegrias de tempos passados nos possam parecer displicentes ou indignos. E justamente você, Julian, ser insensível a isso?

JULIAN

Arranque das mãos do actor o seu papel e pergunte-lhe se ele continua a achar graça aos belos cenários que o rodeiam.

SALA

Mas voltou a trabalhar enquanto viajava.

JULIAN

Nada de especial.

SALA

O Felix contou que você tirara da mala de viagem alguns esboços e lhos mostrara.

JULIAN

Ele falou disso?

SALA

E só disse bem.

JULIAN

A sério?

SALA

E uma vez que lhos mostrou, deve, por certo, tê-los em boa conta.

JULIAN

Não foi por isso que deixei que ele os visse. (*De cá para lá.*) Tenho de lhe confessar — correndo o risco de você me achar completamente tolo.

SALA

Um bocadinho mais ou um bocadinho menos, pouco importa. Fale.

JULIAN

Queria apenas que ele continuasse a acreditar em mim. É capaz de compreender isto? Apesar de tudo, ele está mais próximo de mim do que qualquer outra pessoa. Eu bem sei que aos olhos de todos, e também aos seus, eu sou um miserável, alguém sem futuro, alguém cujo talento foi a sua juventude. Isso não me interessa por aí além. Mas para o Felix eu quero ser aquele que em tempos fui — e que também ainda sou. Se algum dia ele vier a saber que sou seu pai, quero que sinta orgulho nisso.

SALA

Se ele vier a saber...?

JULIAN

Não estou disposto a manter isso para sempre em segredo. E ainda para mais, agora que a mãe morreu. Quando falei com ele pela última vez, tornou-se bastante claro para mim que não só temos o direito como também o dever de lhe contarmos a verdade. Ele sabe perceber o essencial. Ele há-de compreender tudo. E haveria um ser que me pertence, que sabe que me pertence, e pelo qual valerá a pena continuar a viver neste mundo. Eu viveria perto dele, passaria muito tempo com ele. Digamos que a minha existência voltaria a assentar sobre uma base sólida, sem estar suspensa no ar como agora. E eu poderia voltar a trabalhar — como antigamente — como na juventude. Sim, hei-de trabalhar — e todos vocês se terão enganado — todos!

SALA

Mas afinal a quem ocorreu duvidar de si? Bastaria que nos tivesse ouvido não há muito tempo a falar de si, Julian. Toda a gente está à espera que, mais tarde ou mais cedo, você se reencontre completamente.

JULIAN

Ah, basta de falar de mim, basta. Perdoe-me. Falemos antes de si. Já está a viver na sua nova casa?

SALA

Sim.

JULIAN

E o que pensa fazer proximamente?

SALA

Estou a pensar em ir até à Ásia com o conde Vronsky.

JULIAN

Com o Vronsky? Vai juntar-se a essa expedição, sobre a qual tanto se tem escrito?

SALA

Sim. Este género de empreendimentos há muito que me atrai. Será que conhece o relatório do Rolston sobre as escavações de 1892 em Bactriana e Média? Julian. Não.

SALA

É completamente impressionante. Imagine só, sob escombros e poeira calcula-se que exista uma cidade gigantesca, mais ou menos do tamanho da Londres actual. Naquele tempo eles foram dar a um palácio e encontraram aí belíssimos frescos. Em alguns aposentos eles estavam perfeitamente preservados. E escavaram degraus feitos de um mármore que nunca ninguém tinha visto. Talvez venha de uma ilha que, desde então, se afundou no mar. Trezentos e doze degraus a brilharem como opalas que vão dar a profundezas desconhecidas...

Desconhecidas, porque ao chegarem ao tricentésimo décimo segundo degrau, eles pararam de escavar — sabe Deus, porquê! Nem sequer consigo explicar-lhe como estes degraus me intrigam.

JULIAN

Mas sempre constou que desta expedição de Rolston haviam desaparecido todos!?

SALA

Não foi assim tão mau. Dos vinte e quatro europeus ainda regressaram oito ao fim de três anos, e meia dúzia deles já se haviam perdido na viagem de ida. Tem de se passar por regiões onde grassam febres terríveis. Depois, naquela altura, houve um ataque de curdos, tendo desaparecido mais alguns. Mas nós vamos estar mais bem equipados. Para além disso, na fronteira, vamos encontrar-nos com um contingente russo que viaja sob escolta militar. E também por isso a coisa deverá ter uma aparência político-militar. E quanto à febre — ela não me mete medo... Não me pode atingir. Quando era jovem passei as mais perigosas noites de Verão nas termas de Caracala — sabe como aquele solo é pantanoso -, e saí de lá são e salvo.

JULIAN

Mas isso não prova nada.

SALA

Sempre prova alguma coisa. Encontrei lá uma romana, cuja casa estava situada junto à Via Ápia; ela apanhou a febre e morreu por isso... A sério, eu já não sou tão jovem como era, mas sinto-me ainda em plena forma.

JULIAN *(que já antes acendera um cigarro, oferece-lhe um)*

Fuma?

SALA

Obrigado. Na verdade não devia. Só ontem o doutor Reumann mos proibiu... Nada de especial — O coração está um pouco inquieto. Ora, um apenas não vai fazer assim tão mal.

SEGUNDA CENA

Julian. Sala. Criado. Depois Irene Herms.

CRiado

A Fräulein Irene Herms pergunta se o senhor a pode receber.

JULIAN

Claro. Manda-a entrar.

(O criado sai.)

IRENE HERMS *(entrar. Tem cerca de 43 anos de idade, mas parece mais nova. Está vestida com simplicidade e bom gosto. Os seus movimentos são vivos e, por vezes, quase de uma brusquidão juvenil. O cabelo é louro escuro e farto, os olhos são risonhos, às vezes bondosos, e enchem-se facilmente de lágrimas. Ela entra sorridente, acena amigavelmente com a cabeça a Sala e aproxima-se de Julian que fora ao seu encontro. O rosto dela tem uma expressão de quase felicidade.)*

Boa noite. Então? *(Ela tem o hábito de pronunciar este “Então” num tom interrogador e caloroso.)* Afinal sempre fiz bem em aguardar mais uns dias! Tenho-o outra vez de volta. *(Para Sala.)* Sabe há quanto tempo não nos vemos?

JULIAN

Há mais de três anos, Fräulein.

IRENE (*acena apenas com a cabeça. Só agora ela tira a sua mão da dele*)

Isto nunca nos tinha acontecido antes. A tua última carta também já tem dois meses. Chamo-lhe “carta” para não fazer má figura: não passou de um postal ilustrado. Por onde andaste afinal?

JULIAN

Vá, senta-te. Vais saber tudo. Não queres tirar o chapéu? Ficas um bocadinho, não ficas?

IRENE

Claro. - Mas, olha que bom aspecto! (*Para Sala*) Bonito — não acha? Eu sempre o soube: a barba grisalha dá-lhe um ar interessante.

SALA

Agora vai ouvir uma série de coisas agradáveis. Infelizmente eu tenho de vos deixar.

IRENE

Espero não o estar a expulsar?

SALA

Mas que ideia, Fräulein Herms!

IRENE

Vai com certeza a casa dos Wegrat? — Que dizes daquela infelicidade, Julian? É terrível! (*Para Sala.*) Por favor, apresente-lhes os meus cumprimentos.

SALA

Não vou lá agora, vou para casa.

IRENE

Para casa? Diz isso assim sem mais? Parece que agora vive num palácio.

SALA

Não, longe disso. Trata-se de uma simples casa de campo. Ficaria muito encantado se a Faulei Herms me quisesse dar o prazer da sua visita. O meu jardim é realmente bonito.

IRENE

Também tem árvores de fruto e uma horta?

SALA

Quanto a isso só a posso servir com um repolho perdido e uma pereira brava.

IRENE

Bom, se o meu tempo o permitir, faço questão de o ir visitar e ver a sua mansão.

JULIAN

Tens de voltar em breve a partir?

IRENE

Sim, claro. Tenho de voltar para casa. Hoje mesmo de manhã recebi uma carta do meu pequeno sobrinho — ele tem saudades minhas. Um traquinas de cinco anos e já tem saudades. Que diz a isto?

SALA

Também já sente saudades de voltar?

IRENE

Não é isso. Mas começo a habituar-me demasiado a Viena. Quando ando por aí a passear pelas ruas, as recordações surgem a cada passo. — Imagina onde é que eu estive ontem, Julian. Na casa onde vivi em criança. Não foi nada fácil, agora vivem lá pessoas estranhas. Mas mesmo assim estive em todas as divisões.

SALA *(com amável ironia)*

Como conseguiu isso, menina Herms?

IRENE

Arranjei um pretexto. Fiz de conta que ia lá à procura de um quarto para alugar — para uma senhora de idade, sozinha. Mas acabei por me pôr a chorar, de tal modo que as pessoas me devem ter tomado por doida. E então acabei por lhes dizer porque é que eu tinha subido. Agora vive lá um funcionário dos correios com mulher e duas crianças. Uma era um rapazinho adorável; brincava com um combóio eléctrico, com uma locomotiva que era preciso montar, porque me estava sempre a passar por cima do pé... Mas se calhar isto não lhe interessa muito, senhor von Sala.

SALA

Menina Herms, que pena ter parado exactamente no momento mais emocionante! Tinha gostado imenso de a continuar a ouvir. Mas infelizmente te-

nho mesmo de me ir embora agora. Adeus, Julian. — Bom, menina Herms, espero ter a honra da sua visita. (*Sai.*)

TERCEIRA CENA

Julian e Irene.

IRENE

Graças a Deus!

JULIAN (*sorrindo*)

Continuas a achá-lo assim tão antipático?

IRENE

Antipático?... Eu odeio — o! Só a tua incrível generosidade faz com que o mantinhas por perto. Não tens inimigo pior.

JULIAN

Onde foste buscar essa ideia?

IRENE

Isso sente-se... Uma coisa assim tem de se sentir.

JULIAN

Continuo a pensar que te falta objectividade em relação a ele.

IRENE

E porquê?

JULIAN

Não lhe podes perdoar que há dez anos não tivesses tido êxito na peça dele. Irene. Já são infelizmente doze anos. E não foi culpa minha. Quanto às chamadas poesias dele, não passam de uma patetice. E, como sabes, não sou a única a pensar assim. Mas tu não o conheces. Para se poder apreciar este senhor em toda a sua grandeza, foi preciso tê-lo aguentado nos ensaios. (*Imitando Sala.*) Cara menina, isto são versos — versos, cara menina... Foi preciso ouvi-lo a dizer isto para perceber a arrogância desmedida que tem dentro de si... Além disso toda a gente sabe que ele assassinou a mulher.

JULIAN (*divertido*)

Mas ó menina, como pode dizer tais monstruosidades!

IRENE

Não se morre assim do pé para a mão aos vinte e cinco anos.

JULIAN

Irene, espero que não andes a dizer essas coisas a outras pessoas.

IRENE

Nem é preciso. Toda a gente sabe menos tu. E no que me toca, não tenho necessidade de poupar o senhor von Sala, que te persegue desde há vinte anos com o seu escárnio.

JULIAN

Mas apesar disso vais visitá-lo?

IRENE

Evidentemente. Interesse-me muito por belas mansões. E a dele deve ser arrebatadora. Quem dera visitar apenas pessoas...

JULIAN

Que não tivessem assassinado alguém -

IRENE

De facto estamos a dar-lhe demasiada importância, ao falarmos durante tanto tempo sobre ele. Ponto final. — Então, Julian? Como tens passado? Por que é que me escreveste tão raramente? Deixaste de ter licença?

JULIAN

Licença?

IRENE

Quer dizer, se alguém te proibiu.

JULIAN

Ah, bom. — A mim ninguém me proíbe de nada.

IRENE

A sério? Vives só em função de ti?

JULIAN

Só.

IRENE

Isso agrada-me. Julian, não posso deixar de dizer que isso me agrada. Embora seja um disparate. Mais tarde ou mais cedo há-de voltar a aparecer uma nova aventura.

JULIAN

Já lá vai o tempo.

IRENE

Se fosse verdade. — Arranjas-me um chá?

JULIAN

Claro. Aqui está o samovar.

IRENE

Mas onde? — Ah sim, aqui! E o chá? Sim, já sei. *(Abre um armário, tira para fora as coisas necessárias. Nos minutos seguintes ela prepara o chá.)*

JULIAN

É mesmo verdade que ficas só por alguns dias?

IRENE

Sim, claro. Já fiz todas as minhas compras. Como calculas, na quinta da minha irmã não são precisas grandes *toilettes*.

JULIAN

Mas conta. Gostas então de lá estar?

IRENE

Imenso! Ah, só o facto de não ter mais nada a ver com o teatro, já é uma felicidade.

JULIAN

Mas ainda hás-de voltar para lá outra vez.

IRENE

Estás profundamente enganado. Por que havia eu de voltar? Basta pensares que eu alcancei tudo o que desejava: ar puro, uma floresta por perto, andar a passear a cavalo por campos e prados, sentar-me de manhã cedo em roupão

num grande parque, onde ninguém pode entrar. Em suma, ninguém, nem director, nem público, nem colegas, nem autores — embora nem todos sejam tão arrogantes como o teu adorado Sala. — Enfim, e tudo isto eu alcancei. Vivo no campo, tenho uma quinta, quase diria um pequeno palácio, tenho um parque e um cavalo, e roupões, tantos quantos eu quiser. Admito que nada disto me pertence — fora os roupões, claro —, mas isso que importa. Em compensação vivo com as melhores pessoas que há ao cimo da terra; o meu cunhado é um tipo ainda mais adorável do que a própria Lori.

JULIAN

Ele em tempos não te andou a fazer a corte?

IRENE

Mas *de que maneira!* Ele queria casar comigo a qualquer preço. Ora se queria! — Era sempre por mim que eles se apaixonavam... — Apaixonavam, digo eu. Mas os rejeitados iam quase sempre ter com a Lori. Na verdade sempre me fez um pouco de confusão que não te tivesses apaixonado pela Lori. E ela é bem melhor do que eu — claro, tu sabes isso, não vale a pena referi-lo. Devo-lhe tudo!... Se não fosse a Lori! — Bom, agora vivo com eles desde há meio ano.

JULIAN

A questão é apenas quanto tempo vais aguentar assim.

IRENE

Quanto tempo...? — Mas, Julian, deixa que te pergunte: o que me pode fazer abandonar um paraíso daqueles e voltar ao pântano onde passei (mais baixo) vinte e cinco anos da minha vida? Afinal que tenho eu ainda a ver com o teatro? Não sou feita para papéis de velha senhora. Não estou talhada nem para mãe de heróis, nem para dama com mau génio, nem para fazer velhas cómicas. Espero vir a morrer como jovem castelã, uma espécie de solteirona, e se tudo correr bem, daqui a cem anos, aparecerei aos bisnetos da minha irmã como dama branca. Numa palavra: espera-me a melhor vida. — Por que te estás a rir?

JULIAN

Agrada-me voltar a ver-te tão divertida — tão juvenil.

IRENE

É o ar do campo, Julian. Também tu o devias experimentar, um dia destes, por uma temporada. Magnífico! Enganei-me completamente em relação ha-

ver minha profissão. O bom Deus bem quis que eu fosse guardadora de vacas ou camponesa. Ou, quem sabe, um pastorinho. Sempre fiquei bem em papéis, vestida de calças. — Bom, já te posso servir? (*Ela serve-lhe chá.*) Não tens nada para acompanhar?

JULIAN

Na minha mala estão com certeza biscoitos. (*Ele tira um pequeno pacote da mala de viagem.*)

IRENE

Obrigada. Ótimos.

JULIAN

Trata-se de um novo entusiasmo teu.

IRENE

Os biscoitos —?

JULIAN

Não. A natureza.

IRENE

Como podes dizer isso? Sempre tive um amor infinito pela natureza. Já não te lembras das nossas excursões? Não te lembras de uma vez termos adormecido na floresta numa tarde quente de Verão? E nunca pensas na imagem da Virgem Maria lá em cima na colina, onde fomos surpreendidos pela trovoadas? Deus meu! Não é mera ilusão, a natureza. E mesmo mais tarde, quando vieram os piores momentos, quando por tua causa me quis suicidar, que imbecil eu fui... nessa altura, foi a natureza que me salvou. A sério, Julian. Ainda te poderia mostrar o sítio, onde me atirei sobre a erva a chorar. A dez minutos da estação de comboios, vai-se por uma avenida de acácias e depois continua-se até ao ribeiro. Sim, atirei-me sobre a erva e chorei e desfiz-me em lamentos. Foi exactamente num dia em que me tinhas voltado a expulsar de casa. E depois de ter estado meia hora deitada sobre a erva e de ter chorado à vontade, voltei a pôr-me de pé — e comecei a andar pelo prado. Como uma criança traquina, completamente sozinha. Limpei os olhos, e senti-me outra vez como nova. (*Pausa.*) É claro que na manhã seguinte me encontrava outra vez à tua porta e fiz um escarcéu, e a história recomeçou desde o princípio.

(Começa a escurecer.)

JULIAN

Ainda continuas a pensar nisso.

IRENE

Mas tu também. E afinal qual de nós dois acabou por ser o mais parvo? Qual? Basta que, em consciência, te perguntes. Qual? Foste mais feliz com outra qualquer do que comigo? Alguém te foi mais afeiçoada do que eu? Alguém te amou mais do que eu? ... Com certeza que não. Aquela historieta pateta que então me aconteceu, quando tive o contrato no estrangeiro, bem ma podias ter perdoado, querido. Na verdade, vocês, os homens fazem de pouca coisa um bicho-de-sete-cabeças — especialmente quando é uma de nós.

(Bebem chá.)

JULIAN

Queres que acenda a luz?

IRENE

O crepúsculo é muito acolhedor.

JULIAN

“Um bicho de sete cabeças”, dizes tu. É bem possível que tenhas razão. Mas quando isso nos acontece, ficamos, na verdade, bastante enraivecidos. E mesmo que também nos tivéssemos reconciliado — já não seria a mesma coisa. É melhor assim. Uma vez curada a ferida, ficámos bons amigos e assim continuamos. Isto é também qualquer coisa de muito belo.

IRENE

Sim. Actualmente também me sente bastante pacificada. Mas naquela altura...! Meu Deus, que tempos difíceis! Tu nem sequer te apercebeste. Só depois comecei a amar-te a sério — só depois, ao perder-te por causa da minha leviandade. Sim, foi nessa altura que, digamos, se começou a desenvolver em mim a verdadeira fidelidade. Pois o que vivi a seguir... Mas é pedir muito que um homem compreenda uma coisa dessas.

JULIAN

Irene, eu compreendo isso muito bem. Podes acreditar em mim.

IRENE

Aliás, Julian, deixa que te diga uma coisa; esta foi a punição certa para nós dois.

JULIAN

Para nós dois?

IRENE

Sim. Já há muito que o percebi. A punição certa.

JULIAN

Para nós dois?

IRENE

Sim. Também para ti.

JULIAN

Sim, que queres dizer com isso?

IRENE

Nós não merecíamos outra coisa.

JULIAN

Nós? Como assim?

IRENE (*séria.*)

Tu és tão esperto, Julian. Achas que se naquela altura isso tivesse acontecido — achas que eu teria agido assim, se nós — se nós tivéssemos tido... Um filho — *o filho*? Julian, interroga-te lá, em consciência — acreditas nisso? Eu não, e tu também não. Tudo teria sido diferente. Tudo. Teríamos ficado juntos, teríamos tido *ainda* mais filhos, teríamos casado, estaríamos a viver juntos. Eu não me tornaria numa velha castelã solteirona e tu não terias ficado —

JULIAN

Um velho celibatário.

IRENE

Bom, se és tu próprio a dizê-lo. Mas basicamente teríamos agora um filho. Eu teria um filho. (*Pausa.*)

JULIAN (*anda para cá e para lá na sala*)

Que importa isso, Irene? Por que voltas a falar de todas essas coisas esquecidas —

IRENE

Esquecidas?

JULIAN

Coisas passadas?

IRENE

Passadas são com certeza. Mas no campo tem-se muito tempo. Passam-nos mil coisas pela cabeça. E especialmente quando vemos outras crianças — a Lori até tem dois filhos — dá mesmo que pensar. Não há muito tempo tive uma espécie de visão.

JULIAN

E como foi?

IRENE

Fui dar um passeio pelo campo ao fim da tarde. Faço isso às vezes sozinha. Não havia viva alma em redor. E a aldeia lá em baixo estava completamente tranquila. E eu continuei a passear, distanciando-me cada vez mais em direcção à floresta. E, de repente, deixei de estar sozinha. Apareceste tu. E entre nós dois a criança. Ambos lhe pegávamos pela mão ao andar — o nosso menino. (*Incomodada, tenta evitar chorar.*) É mesmo muito estúpido. Afinal a criança seria agora um rapaz com vinte e três anos, talvez fosse um malandre-o, ou uma rapariga de mau porte. Ou talvez já tivesse morrido. Ou andaria a correr mundo e ter-lhe-íamos perdido o rasto... Sim, sim. — Mas já o teríamos tido, já teria sido pequenino e ter-nos-ia amado. E... (*Ela não consegue continuar a falar. Silêncio.*)

JULIAN (*terno*)

Irene, não deixes que as palavras te consumam.

IRENE

Elas não me consomem.

JULIAN

Não te aflijas. Aceita as coisas como elas são. A vida deu-te outras experiên-

cias, quem sabe melhores. A tua vida foi mais rica do que poderia ter sido a vida como mãe... Foste uma artista.

IRENE (*para si*)

Estou-me nas tintas para isso.

JULIAN

Foste grande, foste célebre — isso há-de querer dizer qualquer coisa. Tiveste uma quantidade de experiências muito diferentes e interessantes — depois de mim. Eu sei.

IRENE

E fiquei com quê, afinal? Que significa isso tudo? Uma mulher sem filhos não é uma verdadeira mulher. Mas uma mulher que tivesse podido ter um — quisesse ter um, e que — (*Fixa Julian com os olhos*) — não tenha sido mãe, essa mulher é uma... Ah! Mas isso nenhum homem é capaz de compreender! O melhor dos homens ainda continua a ser nesta matéria um perfeito canalha. Qual é o homem que sabe quantos filhos seus andam pelo mundo? Eu, pelo menos, sei que não tive nenhum. E tu?

JULIAN

E mesmo que eu o soubesse —

IRENE

Como assim? A sério que tens um? — Conta lá. Já me podes contar, Julian. Onde é que ele vive? Quantos anos têm? Um rapaz? Uma rapariga?

JULIAN

Não faças perguntas... Mesmo que eu tivesse um filho, ele não me pertenceria.

IRENE

Ele tem um filho! Ele tem um filho! (*Pausa.*) Por que o deixas andar assim pelo mundo?

JULIAN

Tu própria o disseste: — Nesta matéria o melhor dos homens é ainda um perfeito canalha. E eu nem sequer sou o melhor deles todos.

IRENE

Por que não vais tu à procura dele?

JULIAN

Com que direito? Que direito teria eu de o fazer? Basta... *(Pausa.)* — Ainda queres uma chávena de chá?

IRENE

Obrigada, obrigada. Não quero mais. *(Pausa. Escurece.)* Ele tem um filho e eu não o soube!

(Longa pausa.)

QUARTA CENA

Julian. Irene. Criado. Depois Felix.

O CRIADO *(entra)*

Julian. O que há?

CRIADO

O senhor tenente Wegrat quer saber se o senhor o pode receber.

JULIAN

Claro. Faça-o entrar.

CRIADO *(acende a luz e sai)*

IRENE

O jovem Wegrat? - Pensei que ele já tivesse partido. — Pobre rapaz, parecia desfeito.

JULIAN

Imagino.

IRENE

Visitaste-o em Salzburg?

JULIAN

Sim. Estive lá uns dias em Agosto.

FELIX *(entra vestido à civil)*

Boa noite. — Boa noite, *Faulei* Herms.

IRENE

Boa noite, senhor tenente.

JULIAN

Meu querido Felix... Eu estava a pensar ir visitar-vos — ainda esta noite. É muito simpático da tua parte teres cá vindo.

FELIX

Depois de amanhã já tenho de partir, e não sabia se ainda teria oportunidade de o ver.

JULIAN

Não queres tirar o casaco? — Não fazia a mais pequena ideia, acredita. Foi o Sala que me contou — há menos de uma hora.

IRENE (*observa ambos*)

FELIX

Estávamos longe de imaginar o que ia acontecer, quando demos aquele passeio no Verão no jardim Mirabela.

JULIAN

Foi tudo muito repentino?

FELIX

Foi. E eu não cheguei a tempo de estar com ela... Tinha partido já tarde nessa noite e ela morreu na noite seguinte.

IRENE

Diga antes que na manhã seguinte ela já não acordou.

FELIX

Muito temos de lhe agradecer, menina Herms.

IRENE

Nem pensar.

FELIX

A minha mãe sempre gostou imenso da sua companhia, de falar consigo ou que tocasse piano para ela.

IRENE

Oh, mas eu toco tão mal —!

(Um relógio dá horas.)

IRENE

Já tão tarde!? Tenho de ir.

JULIAN

Porquê essa pressa, *Faulei* Herms?

IRENE

Vou à ópera. Quero aproveitar bem os poucos dias que aqui passo.

FELIX

Ainda nos vem visitar, *Faulei* Herms?

IRENE

Claro. — Parte ainda antes de mim.

FELIX

Sim. A minha licença está a acabar...

IRENE *(como por acaso)*

Afinal, Felix, há quanto tempo é oficial?

FELIX

Já sou há três anos — mas só este ano me decidi pela carreira militar. Um pouco tardiamente.

IRENE

Tardiamente? Porquê? — Que idade tem. Felix?

FELIX

Vinte e três anos.

IRENE

Ah! *(Pausa.)* — Mas quando há quatro anos o vi no serviço militar, pensei logo que iria ficar no exército. — Lembra-se, Felix? Disse-lho nessa altura.

JULIAN

Sim —

FELIX

Isso deve ter sido no Verão, quando nos visitou pela última vez.

IRENE

Acho que sim...

FELIX

Desde então muita coisa mudou.

IRENE

É verdade! Esses ainda foram dias felizes. — Não foram, Julian? Também nunca mais nos voltámos a ver desde então, desde essas belas noites de Verão no jardim dos Wegrat.

JULIAN *(acena positivamente com a cabeça)*

IRENE *(olhou ainda algumas vezes para Felix e Julian. - Breve pausa)*

Agora são mesmo horas de me ir embora. — *Adieu*, dê cumprimentos em casa, senhor tenente. — *Adieu*, Julian. *(Ela sai, acompanhada à porta por Julian.)*

QUINTA CENA

Felix e Julian.

FELIX

Não houve aqui modificações?

JULIAN

Que eu saiba não. Aliás como é que poderias notar isso, se só aqui estiveste umas duas ou três vezes.

FELIX

Sim. Mas da última vez num momento muito importante da minha vida. Vim aconselhar-me consigo.

JULIAN

Bom, tudo foi ao encontro dos teus desejos. E até o teu pai aceitou a escolha.

FELIX

Sim, aceitar, aceitou. Mas teria preferido que eu tivesse seguido engenharia; embora perceba agora que também posso levar uma vida bastante decente usando uniforme — sem dívidas nem duelos. Ah, até é tudo demasiado confortável. E cada um de nós pode até esperar mais do que muitos outros, o que também é importante.

JULIAN

E como estão lá em casa?

FELIX

Lá em casa... Realmente a palavra quase perdeu o seu sentido.

JULIAN

O teu pai já voltou aos seus deveres?

FELIX

Claro. Dois dias depois já estava no atelier. É digno de admiração. Mas eu não consigo compreender isto completamente... Estou a incomodá-lo, senhor Fichtner? Estava a tentar pôr ordem nos seus papéis.

JULIAN

Ora, isso não tem pressa. Arruma-se tudo num ápice. A maior parte é para queimar.

FELIX

Como?

JULIAN

É o mais sensato, tratando-se de coisas que dificilmente voltamos a ver, mais vale destruí-las.

FELIX

Não sente um pouco de tristeza ao acabar assim com o seu passado?

JULIAN

Tristeza? Mas trata-se de um processo bastante natural.

FELIX

Eu não o vejo assim. Repare, queimar imediatamente uma carta, ou um qua-

dro, ou qualquer outra coisa do género, depois de os termos recebido, parece-me óbvio. Mas qualquer coisa que consideramos valiosa, a ponto de ser memória viva de alegrias e tristezas, jamais deveria perder esse significado. E ainda para mais numa vida como a sua que foi tão rica e tão activa. Será que não sente um certo... Respeito pelo seu passado?

JULIAN

Onde foste buscar esses pensamentos — um rapaz tão jovem como tu?

FELIX

Vieram-me assim à cabeça.

JULIAN

Talvez não estejas errado. Mas há mais uma coisa que me leva a pôr tudo em ordem. Digamos que estou prestes a tornar-me num ser errante.

FELIX

Como?

JULIAN

Desfaço-me desta casa e ainda não sei ao certo o que virá a seguir. Prefiro desfazer-me das coisas a tempo do que encaixotá-las e deixá-las a apodrecer numa cave.

FELIX

Mas sente pena de algumas coisas.

JULIAN

Para dizer a verdade, não.

FELIX

Com certeza também tem objectos que representam memórias que não foram apenas suas. Toda a espécie de esboços que, em parte, terá certamente guardado.

JULIAN

Estás a pensar naquelas coisas sem importância que te mostrei em Salzburg?

FELIX

É evidente que também penso nelas.

JULIAN

Essas ainda estão empacotadas. Queres ficar com elas?

FELIX

Com prazer. Agradeço-lhe muito. Encantaram-me completamente. *(Pausa)* Mas tenho ainda outro pedido a fazer-lhe. Um pedido importante. Se me permite...

JULIAN

Diz.

FELIX

Ainda deve ter um quadro da minha mãe dos seus tempos de rapariga. Um quadro pequeno, uma aguarela pintada por si.

JULIAN

Sim, de facto pintei esse quadro.

FELIX

E ainda o tem?

JULIAN

Acho que o posso encontrar.

FELIX

Gostava muito de o ver.

JULIAN

A tua mãe lembrava-se desse quadro?

FELIX

Sim. Ela falou-me dele na última noite em que a vi, na noite anterior à sua morte. Na altura, de facto, não imaginei que o fim dela estivesse tão perto... e ela também não. Mas hoje parece-me peculiar que, justamente nessa noite, ela tenha falado tanto de tempos há muito passados.

JULIAN

E também falou deste pequeno quadro?

FELIX

Parece que lhe saiu muito bem.

JULIAN *(tentando lembrar-se)*

Onde é que o terei guardado? Espera... *(Dirige-se para um armário-biblioteca, cuja parte inferior está fechada por uma porta. Abre a porta, vêem-se algumas prateleiras, nas quais se encontram pastas)* Pinteí-o no campo, numa pequena casa habitada pelos teus avós.

FELIX

Eu sei.

JULIAN

Mal te deves lembrar desses velhotes?

FELIX

Muito vagamente. Eram pessoas muito simples, não eram?

JULIAN

Sim. *(Tira uma pasta grande de uma prateleira.)* Ele é bem capaz de estar nesta pasta. *(Coloca-a em cima da mesa de trabalho e abre-a. Senta-se)*

FELIX *(está de pé atrás dele, olha por cima do seu ombro)*

JULIAN

Isto aqui é a casinha onde viviam os teus avós e a tua mãe. *(Continua a folhear)*
E isto aqui é a vista sobre o vale a partir do cemitério.

FELIX

No Verão...

JULIAN

Sim. - E isto aqui é a pequena estalagem, onde o teu pai e eu vivíamos... E este — *(Contempla a folha em silêncio. Mantêm-se ambos calados durante muito tempo)*

FELIX *(pega na folha)*

Que idade tinha a minha mãe nesta altura?

JULIAN *(que continua sentado)*

Dezoito anos.

FELIX *(afasta-se um pouco dele, encosta-se a um armário-biblioteca para poder ob-*

servar o quadro com melhor luz.)

Um ano antes dela se casar.

JULIAN

Foi pintado nesse mesmo ano. *(Pausa)*

FELIX

É esquisito este olhar que vem ao meu encontro... Estes lábios sorriem, quase falam comigo...

JULIAN

Que contou a tua mãe sobre mim — nessa última noite?

FELIX

Não muito. Mas eu fiquei com a sensação de saber mais do que ela me estava a contar. Acho estranha a maneira como ela me olha a partir deste quadro, foi como ela também o olhou a si. É como se houvesse um certo acanhamento neste olhar. Quase medo... Olha-se assim para pessoas que vêm de um mundo diferente que desejamos e afinal tememos.

JULIAN

Naquele tempo a tua mãe raramente saía da aldeia.

FELIX

Ela devia ser bem diferente da maioria das mulheres com quem se cruzava, não devia? Por que está calado? Eu não sou como as pessoas que não compreendem — não querem compreender que as mães e irmãs também são mulheres. Posso compreender facilmente que naquele tempo pairava um perigo sobre ela... E sobre alguém mais. *(Com simplicidade)* Deve ter amado muitíssimo a minha mãe?

JULIAN

Tu fazes a pergunta de maneira estranha. — Sim, amei-a mesmo.

FELIX

E foram certamente horas de grande felicidade as que passou sentado no pequeno jardim, junto à cerca envolta em ramagem, com esta tela sobre os joelhos. E diante de si no prado claro, por entre flores vermelhas e brancas, estava esta jovem rapariga, de pé, chapéu de palha na mão e olhos sorrindo a medo.

JULIAN

A tua mãe falou dessas horas na última noite?

FELIX

Falou. Talvez seja infantil, mas desde então parece-me quase impossível que mais alguém tenha tido maior significado para si do que ela.

JULIAN *(cada vez mais emocionado, mas falando com simplicidade)*

Eu não quero responder a isso. — Acabaria, sem querer, por ser tentado a considerar-me melhor do que sou. Sabes bem como conduzi a minha vida, não foi um percurso orientado e fácil como a vida da maior parte das pessoas. Não tive sequer o dom de tornar alguém feliz ou de receber felicidade em permanência.

FELIX

É o que eu sinto. Sempre senti. Às vezes com uma espécie de lamento — quase de dor. — Mas justamente pessoas como o senhor, que já parecem destinadas pela natureza a fazerem muitas e muito variadas coisas... Exactamente essas pessoas, penso, guardam mais fielmente e com mais gratidão recordações ternas e serenas como estas que tem na memória... do que vivências mais apaixonadas e mais melancólicas. — Tenho razão?

JULIAN

É possível.

FELIX

A mãe nunca me tinha falado deste quadro. Não é estranho? Fê-lo pela primeira vez naquela última noite. — Estávamos completamente sozinhos na varanda, eu já me tinha despedido dos outros... E, de repente, ela começou a falar daqueles dias de Verão de há muito, muito tempo. Nas suas palavras ecoava tanta coisa de que ela não tinha sequer consciência. Acho que a sua juventude, que ela própria já mal entendia, se abria inconscientemente à minha. Isso emocionou-me mais do que as minhas palavras podem exprimir. — Amou-me tanto e nunca falou comigo assim. E acredito que ela nunca antes me foi mais querida do que naqueles momentos derradeiros. — E quando por fim tive de me ir embora, senti que ela ainda tinha muito para me contar. — Agora compreende porque desejava eu tanto ver este quadro. — Tenho a sensação de que ele poderia continuar a falar comigo, tal como a minha mãe o teria feito — se eu tivesse podido voltar a fazer-lhe perguntas!

JULIAN

Mas pergunta... Pergunta, Felix.

FELIX *(alertado pela emoção na voz de Julian, olha para o quadro e para este)*

JULIAN

Estou certo de que ele ainda te vai revelar muita coisa.

FELIX

Que tem?

JULIAN

Queres ficar com o quadro?

FELIX

Como?

JULIAN

Bom, leva-o. Eu não to ofereço. Assim que tiver um domicílio fixo, quero tê-lo de volta. Mas tu podes vê-lo sempre que quiseres. Espero que não sejas obrigado a fazer um caminho demasiado longo.

FELIX *(com os olhos postos no quadro)*

Ele ganha cada vez mais vida em cada segundo que passa... Este olhar era todo para si!... Este olhar —? Será que o estou a ver completamente bem?

JULIAN

As mães também têm os seus destinos como outras mulheres.

FELIX

Acho verdadeiramente que ele já nada me esconde. *(Pousa o quadro. - Grande pausa. Encara Julian.)*

JULIAN

Não o levas contigo?

FELIX

Ainda não. Pertence-lhe mais a si do que eu supunha.

JULIAN

E a ti...

FELIX

Não, só o quero receber quando este destina se me abrir completamente. (*Olha Julian nos olhos com firmeza.*) Não sei qual é o meu lugar; na realidade não se alterou nada? Nada — excepto que eu sei o que...

JULIAN

Felix!

FELIX

Não, isso eu não podia imaginar. (*Fixando-o com um longo olhar misto de ternura e curiosidade.*) Seja feliz.

JULIAN

Queres partir agora?

FELIX

Tenho um grande anseio em ficar um pouco sozinho. — Até amanhã.

JULIAN

Adeus, Felix. Amanhã vou a vossa... Amanhã vou a tua casa, Felix.

FELIX

Fico à sua espera. (*Sai.*)

JULIAN (*fica de pé durante algum tempo, dirige-se depois para a mesa de trabalho e assim permanece mergulhado na contemplação do quadro*)

TERCEIRO ACTO

Sala em casa dos Wegrat, com a qual confina a varanda.

Vista panorâmica.

PRIMEIRA CENA

Johanna sozinha. Depois Sala.

JOHANNA (*está sentada numa poltrona, com as mãos entrelaçadas*)

SALA *(entra)*

Bom dia, Johanna.

JOHANNA *(levanta-se, vai o encontro dele, olha-o)*

Vens pela última vez?

SALA

Pela última vez? Que ideia é essa? Não se alterou mesmo nada nos nossos propósitos. Hoje é dia sete de Outubro, a vinte e seis de Novembro sai o barco de Génova.

JOHANNA

Um dia desaparecerás daqui de repente. Estarei junto à porta do jardim e ela permanecerá fechada.

SALA

Entre nós essas coisas não são necessárias.

JOHANNA

Não, de facto, não são. Pensa nisso.

SEGUNDA CENA

Johanna e Sala. Entra Felix.

FELIX

O senhor, senhor von Sala? *(Apertam as mãos)* Bom, como vão os preparativos?

SALA

Não é preciso nada por aí além. Faço as malas, desço as cortinas, fecho as portas à chave — e a seguir a caminho de misteriosas lonjuras. A propósito, Felix, tenho uma pergunta para lhe fazer. Sentiria algum prazer em vir connosco?

FELIX

Se eu sentiria prazer —? Está a perguntar-me isso a sério, senhor von Sala?

SALA

A pergunta foi pensada com a seriedade com que a deveis receber.

FELIX

Como a devo entender? Se eu quero ir consigo para a Ásia? Quais seriam os meus préstimos numa expedição dessa natureza?

SALA

Mas isso é bastante simples.

FELIX

Mas não se trata de uma expedição de carácter puramente científico?

SALA

Foi assim que ela foi pensada. Mas é muito possível que aconteçam as mais variadas coisas, para as quais venhamos a precisar no terreno da ajuda de rapazes novos como você.

FELIX

Rapazes como eu —?

SALA

Há sete anos, com o Rolston, aconteceu uma série de coisas que não estavam previstas no programa de viagem inicial. Houve, por exemplo, uma verdadeira pequena batalha na planície de Karakum¹⁰, junto ao rio Amu Darjia.

TERCEIRA CENA

Johanna. Felix. Sala. Doutor Reumann acaba de entrar.

DOUTOR REUMANN

Para os que lá pereceram, a sua pequena batalha deve ter sido suficientemente grande.

(Cumprimentos, apertos de mão, sem que a conversa seja interrompida)

SALA

É capaz de ter razão, senhor doutor.

FELIX

Desculpe, senhor von Sala, falou apenas em nome pessoal? Foi um episódio inesperado — ou houve mais?

SALA

Eu não falo em nome de quem quer que seja, mas após uma reunião que teve lugar no Ministério dos Negócios Estrangeiros e na qual eu participei, sinto-me autorizado a acrescentar mais qualquer coisa. — Oh, nada de secreto.

10 Sala refere-se a uma planície, quando se trata de facto de uma paisagem de deserto, situada na Ásia Central e que foi ao longo de séculos terra de passagem e de paragem da Rota da Seda. Sendo escassas as informações acerca do deserto de Karakum e vaga a referência à "pequena batalha", quase se poderia imaginar que esta deixa teve origem na consulta de um mapa do território. O que sobressai é antes o fascínio pelo exótico, na menção a lugares distantes que indiciam formas de comportamento baseadas no espírito aventureiro e em inesperados acontecimentos que são objecto de observação sem envolvimento directo.

O deserto de Karakum cobre grande parte do Turquemenistão actual, aumentando a sua extensão de ano para ano, dadas as condições climáticas adversas que aí dominam. Esta região asiática é pouco povoada. A oeste ela faz fronteira com o Mar Cáspio, a norte encontramos o Mar de Aral, sendo que os poucos rios como o Amu Darjia situado no noroeste do Turquemenistão, aqui referido por Sala, é hoje na maior parte do ano um rio seco. (N. T.)

Felix, é provável que tenha lido que, a título oficial, vamos ser acompanhados por um general e por alguns oficiais de engenharia e de artilharia. De acordo com as últimas notícias vindas da Ásia, que não me parecem aliás de grande confiança, uma vez que nos chegaram via Inglaterra, tomou-se a decisão de se assegurar a cooperação de alguns jovens oficiais regulares, que deverão ser recrutados numa primeira fase através de iniciativa privada.

FELIX

Haveria então uma possibilidade de mim —?

SALA

Autoriza-me a falar com o conde Vronsky?

FELIX

Mencionou o meu nome ao conde?

SALA

Ele autorizou-me a perguntar-lhe se estaria preparado para embarcar conosco em Génova, no dia vinte e seis de Novembro.

DOUTOR REUMANN

Já está a pensar deixar Viena em breve?

SALA

Estou. *(Com ligeireza.)* Por que olha assim para mim, senhor doutor? Esse olhar foi um pouco imprudente.

DOUTOR REUMANN

Em que medida?

SALA

Ele parece dizer: partir, partes, mas vamos ver se regressas.

DOUTOR REUMANN

Oiça, senhor von Sala, perante uma expedição como a sua, é normal que se exprimam abertamente fortes dúvidas. Mas será que isso lhe interessa verdadeiramente, senhor von Sala, se vai ou não regressar? O senhor não pertence, por certo, ao género de pessoas que quer deixar os seus assuntos em ordem.

SALA

Nem pensar. E muito menos quando nesses casos se trata sempre de assuntos de outros, dos quais nos ocupamos superficialmente. E se me interessasse saber quais são as minhas oportunidades, fá-lo-ia por uma razão plausível.

JOHANNA

Qual?

SALA

Eu não desejo nos meus derradeiros dias ser enganado pela consciência.

DOUTOR REUMANN

Com esse desejo é provável que fique bastante isolado.

SALA

Em todo o caso, o doutor seria obrigado a dizer-me toda a verdade, se eu o interrogasse sobre ela. Entendo que temos o direito de viver a nossa existência em toda a sua plenitude, incluindo toda a espécie de prazeres e horrores que nela se ocultam. Provavelmente faz parte da nossa natureza praticar boas e más acções no quadro das nossas capacidades... Não será o senhor quem na hora da minha morte a escamoteará. Seria uma atitude muito baixa, que nem o senhor nem eu merecemos. — Bem, Felix, dia vinte e seis de Novembro. São sete semanas até lá! No que diz respeito ao cumprimento de formalidades, não precisa de se preocupar.

FELIX

Qual é o prazo para me decidir?

SALA

Não há motivo para se apressar. Quando termina a sua licença?

FELIX

Amanhã à noite.

SALA

Certamente que vai querer falar com o seu pai.

FELIX

Com o meu pai — claro. — Mas de qualquer modo, senhor von Sala, dou-lhe a resposta amanhã de manhã cedo.

SALA

Ótimo. Ficaria muito satisfeito. Mas, apesar de tudo, pense bem; não se trata de um mero passeio. Bom, adeus. Adieu, menina Johanna. Até à vista, senhor doutor. *(Sai)*

(Pequena pausa. Aqueles que permanecem ainda juntos mostram alguma emoção)

JOHANNA *(levanta-se)*

Eu vou para o meu quarto. Adieu, senhor doutor. *(Sai)*

QUARTA CENA

Felix. Doutor Reumann. Depois Johanna.

DOUTOR REUMANN

Está decidido, Felix?

FELIX

Quase.

DOUTOR REUMANN

Vai conhecer muita coisa nova.

FELIX

Entre outras coisas, espero que a mim próprio, já vai sendo tempo... *(Citando.)* “Na misteriosa lonjura...” Será que existe mesmo? Seria francamente arrebatador!

DOUTOR REUMANN

E mesmo assim pediu para reflectir?

FELIX

Nem sei bem porquê. E no entanto... Pensar que deixamos para trás pessoas que talvez não voltemos a ver — e que não as voltaremos a ver tal como as deixámos, e que talvez as magoemos pelo simples facto de partirmos...

DOUTOR REUMANN

Se nada mais o faz hesitar, então cada hora de incerteza é pura perda. Nada o afasta mais de pessoas que lhe foram queridas do que a consciência de que o dever o condena a estar ligada a elas. Agarre bem esta oportunidade única e parta para Génova, para a Ásia Menor, para o Tibete, para Bactriana... Sim,

vai ser esplêndido. Os meus melhores votos hão-de acompanhá-lo. (*Estende-lhe a mão.*)

FELIX

Obrigado. Mas ainda há muito tempo para esses votos. Qualquer que seja a decisão, ainda nos vai ver muitas vezes antes da minha partida.

DOUTOR REUMANN

Assim espero. Naturalmente.

FELIX (*olha para ele fixamente*)

Senhor doutor! - No seu aperto de mão apercebi-me de qualquer coisa, uma despedida definitiva.

DOUTOR REUMANN (*sorrindo*)

Será que é possível saber se nos voltamos a reencontrar?

FELIX

Senhor doutor... O senhor von Sala interpretou bem o seu olhar?

DOUTOR REUMANN

Pouco ou nada tem a ver consigo.

FELIX

Ele não parte connosco?

DOUTOR REUMANN (*hesitante*)

É difícil de prever.

FELIX

Nunca aprendeu a mentir, doutor.

DOUTOR REUMANN

Como as coisas estão, parece-me, pode seguir o seu caminho até ao fim sem mais ajuda.

FELIX

O senhor von Sala esteve em sua casa há alguns dias?

DOUTOR REUMANN

Sim, não foi há muito tempo. *(Pausa)* Enfim, basta olhar para ver que ele não está bem, não acha? — Bom, Felix, Deus esteja consigo.

FELIX

O senhor vai continuar a ser amigo da nossa casa, quando eu tiver partido?

DOUTOR REUMANN

Por que me faz perguntas dessas, Felix?

FELIX

O senhor não quer cá voltar!... Sim, porquê?

DOUTOR REUMANN

Eu asseguro-lhe...

FELIX

Compreendo...

DOUTOR REUMANN *(embaraçado)*

O que há para compreender...?

FELIX

Caro Doutor... Agora sei... porque não quer o senhor voltar a esta casa nunca mais... Será que alguém voltou mais uma vez a partir o pescoço... Caro amigo —

DOUTOR REUMANN

Seja feliz... Felix...

FELIX

E se alguém o tiver de chamar...

DOUTOR REUMANN

Não o vão fazer... Se precisarem de mim, sabem onde me encontrar...

JOHANNA *(entra na sala)*

DOUTOR REUMANN

Adieu... Adieu, menina Johanna...

JOHANNA

Já vai, senhor doutor?

DOUTOR REUMANN

Sim... Dê cumprimentos meus a seu pai. Adieu... *(Aperta-lhe a mão)*

QUINTA CENA

Johanna. Felix.

JOHANNA *(serena)*

Ele disse-te que o Sala está perdido?

FELIX *(hesitante)*

JOHANNA

Eu sabia. *(No momento em que Felix quer falar, ela procura dissuadi-lo com um gesto desabrido.)* E tu vais-te embora — com ou sem ele.

FELIX

Sim. *(Pausa)* Isto aqui vai ficar bastante calmo.

JOHANNA *(imóvel)*

FELIX

E como vai ser a tua vida, Johanna? Quer dizer, como vai ser a tua vida e a do pai?

JOHANNA *(olha para ele como se a pergunta dele a surpreendesse)*

FELIX

Ele vai sentir-se só. Penso que se iria sentir muito agradecido, se tu te ocupasses um pouco mais dele, se fossem passear juntos nas horas livres. Para ti também —

JOHANNA *(com aspereza)*

Em que é que isso me ia ajudar ou a ele? Eu não fui feita para dar assistência a pessoas em tempos sombrios. Não consigo, sou assim mesmo. Em mim cresce uma espécie de hostilidade contra pessoas que estão dependentes da minha piedade. Senti isso durante todo o tempo em que a mãe esteve doente.

FELIX

Não, tu não foste feita para isso. Mas afinal para que foste feita?

JOHANNA (*encolhe os ombros, volta a sentar-se com as mãos entrelaçadas e olha em frente*)

FELIX

Johanna! Por que não falas comigo como dantes? Se calhar não tens nada para me dizer? Lembra-te como dantes contávamos tudo um ao outro.

JOHANNA

Isso já foi há muito tempo. Nessa altura éramos crianças.

FELIX

Johanna, por que já não consegues falar comigo como dantes? Já não te lembras como dantes nos entendíamos bem? Como confiávamos um ao outro todos os nossos segredos! Como éramos bons companheiros!... Como queríamos ir juntos pelo vasto mundo!

JOHANNA

Pelo vasto mundo... Oh, sim. Ainda me lembro. Mas agora esses contos de fadas e essas palavras mágicas deixaram de existir!

FELIX

Quem sabe se isso não depende apenas de nós.

JOHANNA

Não, agora as palavras não querem dizer a mesma coisa que dantes.

FELIX

Que queres dizer?

JOHANNA

Pelo vasto mundo...

FELIX

Que tens, Johanna?

JOHANNA

Em tempos vi contigo um quadro no museu do Belveder, no qual penso mui-

tas vezes. Ele mostra um prado com cavaleiros e damas — e uma floresta, uma vinha, uma estalagem e rapazes e raparigas a dançar, e uma grande cidade com igrejas e torres e pontes. E por cima da ponte marcham soldados e pelo rio desliza um barco. E mais ao longe há uma colina, e sobre a colina, um castelo, e na lonjura altas montanhas. E sobre a montanha pairam nuvens, e por cima do prado perpassa neblina, e por cima da cidade derrama-se o sol resplandecente, e por cima do castelo avança uma trovoada, e sobre as montanhas há neve e gelo. - E quando alguém dizia “pelo vasto mundo”, ou quando eu lia esta expressão num qualquer lugar, era sempre levada a pensar no quadro. E assim acontecia com muitas destas palavras que soavam de forma tão fantástica. Perigo era um tigre com fauces cavernosas — amor era um pagem de caracóis louros que ajoelhava diante de uma dama — morte era um jovem belo com asas negras e uma espada na mão — e glória era o ecoar de trombetas, pessoas prostradas e um caminho pejado de flores. Naquele tempo, Felix, podia-se falar à vontade sobre tudo. Mas agora tudo parece diferente... Glória e amor e morte e o vasto mundo.

FELIX (*hesitando*)

Estou um pouco assustado contigo, Johanna.

JOHANNA

Porquê, Felix?

FELIX

Johanna! — Gostaria que não desses desgostos ao nosso pai.

JOHANNA

Isso depende só de mim?

FELIX

Johanna, eu sei aonde te levam os teus sonhos. — Em que é que eles se vão tornar?

JOHANNA

É necessário que tudo se torne em alguma coisa? — Felix, eu penso que muitas pessoas estão destinadas a nada significarem para outras para além de mera recordação.

FELIX

Johanna! — Tu própria disseste — que não foste feita para ver sofrer pessoas.

JOHANNA *(estremece ligeiramente)*

Felix. Sofrer... e...

SEXTA CENA

Felix. Johanna. Julian entra.

JULIAN

Bom dia. *(Estende a mão a Felix)*

JOHANNA *(levanta-se)*

Senhor Fichtner! *(Estende-lhe a mão)*

JULIAN

Difícilmente te teria reconhecido, Johanna. Tornaste-te numa jovem senhora. — O vosso pai ainda não chegou a casa?

JOHANNA

Ele ainda nem sequer saiu de casa. Ele só vai para a Academia ao meio dia.

JULIAN

Está com certeza no estúdio?

JOHANNA

Vou já chamá-lo.

JULIAN *(olha à sua volta)*

(No momento em que Johanna está para sair, entra Wegrat de chapéu na mão e bengala)

SÉTIMA CENA

Felix. Johanna. Wegrat. A seguir uma criada de quarto.

WEGRAT *(estende a mão a Julian)*

Meu querido amigo! Que prazer!

JULIAN

Só ontem ao chegar tive conhecimento — através do Sala. Não preciso de te dizer como...

WEGRAT

Agradeço os teus sentimentos. Agradeço-te do coração. — Mas senta-te, Julian.

JULIAN

Ias a sair?

WEGRAT

Não há pressa nenhuma; só tenho que fazer na Academia ao meio dia. Johanna, fazes-me o favor de me mandar chamar uma carruagem —?

JOHANNA (*sai*)

WEGRAT (*senta-se*)

JULIAN (*também se senta*)

FELIX (*encosta-se à lareira*)

WEGRAT

Desta vez estiveste fora durante bastante tempo.

JULIAN

Mais de dois anos.

WEGRAT

Se tivesses voltado dez dias mais cedo, ainda a terias visto uma última vez. Foi tão rápido — para não dizer inesperado.

JULIAN

Ouvi dizer.

WEGRAT

E agora vais ficar por cá, não é verdade?

JULIAN

Por um tempo. Ao certo não sei bem.

WEGRAT

Claro. Programar não é o teu forte.

JULIAN

Não. Tenho uma certa aversão a isso. *(Pausa)*

WEGRAT

Por Deus, meu querido amigo — Quantas vezes não pensei em ti nos últimos tempos! —

JULIAN

E eu...

WEGRAT

Tu não tiveste tantas oportunidades para isso... Mas eu... Quando agora entro no edifício onde desempenho as mais altas funções, às vezes penso, naturalmente, como em jovens nos sentávamos um ao lado do outro, na aula de modelo, cheios de planos e esperanças.

JULIAN

Dizes isso num tom tão melancólico. Afinal muita coisa se realizou.

WEGRAT

Muita... sim... E, no entanto, gostávamos de voltar a ser jovens, mesmo correndo o risco de passarmos pelas mesmas preocupações e batalhas...

JULIAN

E mesmo correndo o risco de uma vez mais voltarmos a viver uma quantidade de coisas belas.

WEGRAT

De facto, isso é o que custa mais, quando tudo já só é recordação. - Voltaste a estar em Itália?

JULIAN

Sim, também estive em Itália.

WEGRAT

Eu nunca mais lá voltei. Desde que fizemos aquela caminhada pelo vale do Ampezzo¹¹, de mochila às costas — até Pieve, e depois descemos para Veneza. Ainda te lembras? Nunca mais o sol voltou a brilhar com tanta intensidade.

11 Maciço montanhoso dos Alpes italianos que se encontra nas regiões de Trento e Verona. O percurso mencionado teria de ter sido realizado em vários dias, questão que não é comentada na fala de Wegrat. A sua intervenção concerne antes a uma memória comum geral como um estado de graça em comunhão com a natureza. (N. T.)

JULIAN

Passaram quase trinta anos.

12 Kirchau é uma pequena localidade situada na Baixa-Áustria no distrito de Neukirchen.

WEGRAT

Não, não foi há tanto tempo. Nessa altura tu já eras um homem famoso. Tinhas acabado de pintar aquele quadro magnífico da Irene Herms. Foi no ano antes de eu me casar.

JULIAN

Sim, sim.

(Pausa)

WEGRAT

Ainda te lembras daquela manhã de Verão em que pela primeira vez me acompanhaste a Kirchau?¹²

JULIAN

Claro.

WEGRAT

E como viajámos naquela carrocinha frágil ao longo do amplo vale ensolarado? E lembras-te do pequeno jardim em Hügelhang onde conhecestes a Gabriele e os pais dela?

FELIX (*contendo a emoção*)

Pai, a casa onde a mãe vivia dantes ainda está de pé?

WEGRAT

Não. Já não existe há muito. Construíram lá uma mansão. Há cinco ou seis anos estiveram lá pela última vez e visitámos o túmulo dos teus avós. Tudo ali se alterou, excepto o cemitério... (*Para Julian*) Ainda te lembras quando uma vez nos sentámos no muro do cemitério, numa tarde encoberta e abafada e tivemos uma estranha conversa sobre o futuro?

JULIAN

Esse dia ficou-me gravado na memória. Mas já não me lembro sobre o que falámos.

WEGRAT

As palavras também se me desvaneceram, mas ainda me lembro de que foi uma conversa singular. ... como se o mundo nos abrisse os braços mais amplamente do que nunca. E senti que te invejava, como acontecia às vezes nesse tempo. Dentro de mim despertou um sentimento como se eu pudesse fazer tudo — assim eu quisesse. Havia tanta coisa para ver, para experimentar — a vida brotava com tanta intensidade; teria bastado apenas um pouco mais de audácia, de autoconsciência e teria sido um salto de cabeça... Sim, era o que eu sentia enquanto tu falavas... E foi então que a Gabriele veio ao nosso encontro pelo caminho estreito entre as acácias, chegada da aldeia, o chapéu de palha na mão, e me acenou com a cabeça. E todos os meus sonhos em relação ao futuro se concentraram apenas nela, e foi como se o mundo inteiro me aparecesse dentro de uma moldura e, apesar disso, era suficientemente vasto e belo... Como é que de repente tudo readquire as suas cores originais? Tudo o que estava praticamente esquecido, desde a morte dela, resplandece outra vez de forma tão viva que quase faz medo... Oh, o melhor é não se pensar nisso. Para quê? Para quê? *(Pausa. Dirige-se para a janela)*

JULIAN *(procurando disfarçar o embaraço)*

É avisado e corajoso da tua parte, teres retomado as tuas actividades tão rapidamente.

WEGRAT

Uma vez tomada a decisão de se querer continuar a existir —?! O trabalho é mesmo a única coisa que ajuda a vencer este sentimento de se estar sozinho. ... de ter sido deixado sozinho.

JULIAN

A mim parece-me que a dor te tornou um pouco injusto em relação a — muita coisa que ainda te resta.

WEGRAT

Injusto —? Não, injusto, eu não quero ser, de facto. Não me julguem mal, meus filhos...! Não, Felix, a sério, tu compreendes-me? Há tanta coisa, desde o princípio dos princípios, que atraí os jovens — os seduz — os arrebatou. Mal eles nascem, começa a nossa luta para vos conservarmos junto de nós, e essa luta é praticamente em vão. Mas este é o curso do mundo: eles nunca nos hão-de pertencer. E no que diz respeito a outras pessoas... mesmo os nossos amigos são apenas hóspedes das nossas vidas, levantam-se da mesa terminada a re-

feição, descem a escada e têm — tal como nós — o seu próprio caminho, o seu próprio destino. Isto não deixa de ser bastante natural... O que não impede, Julian, que uma pessoa se alegre — se alegre verdadeiramente, quando um deles encontra o caminho de volta até nós. E, sobretudo, tratando-se de alguém, por quem tivemos um tão profundo afecto a vida inteira. Podes crer, Julian. *(Apertam as mãos)* E enquanto estiveres em Viena, espero ver-te mais vezes em minha casa, de acordo? Dar-me-ias um grande prazer.

JULIAN

É claro que hei-de vir.

CRIADA DE FORA *(entra)*

Chegou a carruagem, senhor Professor. *(Sai)*

WEGRAT

Vou já. *(Para Julian)* Deves ter muito para contar. Quase te demos como perdido. Tenho imenso interesse em saber tudo o que fizeste — e, para além disso, o que pensas fazer. O Felix falou de alguns esboços muito interessantes que lhe mostraste.

JULIAN

Eu acompanho-te, se não te importas.

WEGRAT

Obrigado. Mas ainda mais simpático da tua parte seria se ficasses para almoçar connosco.

JULIAN

Bom...

WEGRAT

Eu despacho-me num instante. Hoje tenho apenas de resolver assuntos puramente administrativos — umas assinaturas. Daqui a três quartos de hora estou de volta. Entretanto os pequenos fazem-te companhia, como acontecia noutros tempos... Os pequenos! — Então, ficas? Até já. *(Sai)*

OITAVA CENA

Felix. Julian.

Longa pausa.

FELIX

Por que não partiu com ela?

JULIAN

A tua mãe não teve culpa; se alguma houver, que ela recaia sobre mim. Quero contar-te tudo.

FELIX *(concorda com um sinal de cabeça)*

JULIAN

Naquele tempo tínhamos combinado partir juntos. Estava tudo preparado. Queríamos deixar a aldeia secretamente, porque a tua mãe tinha um pudor compreensível perante discussões e explicações. A nossa intenção era, alguns dias depois e já em viagem, escrevermos a esclarecer o assunto. A hora da nossa partida em conjunto já estava marcada. Aquele... Que mais tarde foi o seu marido, tinha até ido a Viena por alguns dias para tratar de documentos, pois o casamento deveria ser dali a uma semana. *(Pausa)* O nosso plano era seguro. Estava tudo combinado. A carruagem que já tínhamos apazado estaria à nossa espera fora da aldeia. Dissemos adeus um ao outro naquela noite, ambos convictos de que nos iríamos reencontrar na manhã seguinte para nunca mais nos separarmos. — As coisas não correram assim. — Não deves pensar que foi a tua mãe, tens de me ouvir, como se fosse a história de pessoas estranhas — então entenderás tudo.

FELIX

Estou a ouvir.

JULIAN

Eu chegara a Kirchau em Junho, numa bela manhã de Verão — com ele... Isso já tu sabes. Tencionava ficar apenas alguns dias. Mas fui ficando. Cheguei algumas vezes a pensar partir enquanto era tempo. Mas fui ficando. E *(sorrindo)* foi quando uma necessidade compulsiva nos fez resvalar em pecado, felicidade, perdição, traição — num sonho. Sim, na verdade, mais parecia um sonho. E após essa última despedida que não devia durar mais do que uma noite — quando regresssei à pequena estalagem e preparava tudo para a viagem, foi nessa altura que tive pela primeira vez plena consciência do que tinha acontecido e do que iria acontecer. Foi como se acordasse de repente. Só então, no silêncio da noite, junto à janela aberta de para em par, me apercebi de que estava bem próxima a hora que iria decidir todo o meu futuro. E de-

pois comecei a sentir... Ligeiros calafrios a atravessarem-me o corpo. Lá em baixo vi a estrada que eu acabara de subir e que continuava em direcção ao campo, torneava as colinas que tapavam o horizonte, e se perdia na lonjura, na infinitude — para ir ao encontro de milhares de outras estradas desconhecidas, invisíveis que nesse momento ainda estavam há minha inteira disposição. Era como se atrás daquelas colinas o meu futuro, cintilando de glória e aventuras, estivesse há minha espera... mas só há minha espera. A vida era minha — mas apenas essa. E para a agarrar completamente e para a gozar por inteiro, para a viver a sério como me tinha sido destinado, precisava de manter toda a despreocupação e liberdade de que gozara até então. E quase me surpreendi com a minha própria disponibilidade para desistir da minha juventude despreocupada, da plenitude da minha existência... E em nome de quê? — Em nome de uma paixão que apesar do seu ardor e êxtase começara afinal como muitas outras e estava destinada a terminar como todas.

FELIX

Estava destinada a terminar? Tinha de terminar?

JULIAN

Sim. Tinha. Nesse momento em que previ o fim, já ele existia de certa maneira. Ficar à espera de alguma coisa que há-de vir, significa passar mil vezes por essa experiência, significa vivê-la em desamparo, de forma inútil e com ressentimento. Soube isso a sério naquele instante. E fiquei assustado. E ao mesmo tempo senti perfeitamente que estava prestes a agir como um bruto e como um traidor contra um ser que se me tinha entregado de coração e alma. — Mas tudo me pareceu preferível — tanto para mim como para ela — a uma ruptura arrastada, miserável e indigna. E todos os meus escrúpulos submergiram perante o imenso desejo de continuar a viver sem obrigações, sem entraves. Não tinha muito tempo para pensar. E isso agradava-me. Estava decidido. Não esperei pelo amanhecer. Antes mesmo de as estrelas desaparecerem, já eu tinha partido.

FELIX

Fugido...

JULIAN

Chama-lhe o que quiseres. - Sim, foi uma fuga tão boa ou tão má, tão precipitada e... tão covarde como outra qualquer... com todo o pavor de vir a ser perseguido, com toda a alegria da evasão a acontecer. Não te escondo nada, Felix.

És jovem, e é bem possível que compreendas isto melhor, do que eu próprio o compreendo hoje. Nada me fez recuar, não senti quaisquer remorsos. A sensação de ser livre invadiu-me como um êxtase. — No final do primeiro dia já eu estava longe — mais longe do que qualquer marco de estrada podia dar a ler. Logo nesse primeiro dia a imagem da mulher começou a empalidecer, a imagem que acordara para uma dolorosa desilusão, talvez para coisas bem piores, essa imagem ecoava em mim a lembrança da sua voz, era uma sombra igual a outras que pairavam ao longe, atrás de mim, no passado.

FELIX

Não, isso não é verdade! Ela não foi esquecida assim tão depressa, o senhor não partiu assim sem remorsos mundo fora. Isto deve ser uma espécie de expiação. O senhor está a fazer passar-se por aquilo que não é.

JULIAN

Falo contigo, não para me desculpar nem para me defender. Estou simplesmente a contar-te a verdade. Tens de a ouvir. Era tua mãe e fui eu que a abandonei. E ainda te digo mais: quando me lembro do período que se seguiu à minha fuga, ele foi justamente o mais luminoso e o mais rico que jamais vivi. Nunca, nem antes nem depois, aproveitei em plena consciência a minha juventude e a minha imensa liberdade, nunca me senti tão senhor dos meus dons, da minha existência... nunca fui um homem tão feliz como naquele tempo.

FELIX (*calmo*)

E se ela se tivesse suicidado?

JULIAN

Penso que me teria sentido merecedor desse acto — naquele tempo.

FELIX

E se calhar teria sido mesmo — naquele tempo. — E ela estava disposta a matar-se, disso estou eu certo. Queria pôr fim à mentira e ao sofrimento, tal como haviam feito centenas de milhares de raparigas antes dela. Mas milhões de outras não o fazem e essas são as mais prudentes. E certamente que também ela pensou em contar a verdade àquele que a tomou por esposa. Mas claro, o caminho da vida é mais fácil quando não precisamos de carregar o fardo de uma repreensão ou, pior ainda, o do perdão.

JULIAN

E se ela tivesse falado —?

FELIX

Oh, compreendo que não o tenha feito. Ela não teria ajudado ninguém com isso. E assim remeteu-se ao silêncio. Manteve o silêncio ao regressar do seu casamento — manteve o silêncio quando a criança nasceu, manteve o silêncio quando o amante entrou na casa do marido passados dez anos — manteve o silêncio até ao último dia... destinos como este há-os por todo o lado e nem sequer é necessário sermos... rejeitados para os suportarmos ou deles sermos culpados.

JULIAN

E poucos de entre nós têm o direito de os julgar — ou de os condenar.

FELIX

Eu não me arrogo esse direito. E não me ocorre que tenha de ver agora na minha frente o sedutor e a seduzida, quando há uma hora atrás ambos me apareciam como pessoas muito queridas, unidas por sentimentos puros. E é-me completamente impossível sentir-me eu próprio diferente do que me imaginara até hoje. É uma verdade sem poder... Um sonho vivido seria mais credível do que esta história que me contou de dias que já não voltam. Nada mudou... Nada. A memória de minha mãe é tão sagrada como antes. E o homem, em casa de quem eu nasci e cresci, que envolveu a minha infância e a minha juventude de cuidado e carinho, e que amou... a minha mãe, significa agora para mim mais do que nunca — e quem sabe até um pouco mais.

JULIAN

E quem sabe, Felix, por muito frouxa que esta verdade te possa parecer — uma coisa ficaste a saber neste momento de dúvida: foi como meu filho que a tua mãe te deu à luz...

FELIX

Numa altura em que ela vos amaldiçoava.

JULIAN

Te educou como meu filho...

FELIX

Cheia de ódio por si.

JULIAN

A princípio. Depois perdendo-me, e por fim — não o esqueças — ficou a amizade por mim. — E naquela noite derradeira de que se lembrou ela? De que falou ela contigo?... Daqueles dias em que viveu a maior felicidade que uma mulher pode conhecer.

FELIX

E a maior miséria.

JULIAN

Pensas que foi por acaso que naquela última noite ela se recordou daqueles dias? Pensas que ela não sabia que haverias de vir ter comigo e me pedirias aquele quadro? E não pensas que o desejo que tinhas em o ver era o último adeus da tua mãe para mim? — Compreendes isso, Felix? E neste preciso momento — não o negues — ele está diante dos teus olhos — o quadro em que pegavas ontem; e a tua mãe está a olhar para ti. — E esse olhar que paira sobre ti é o mesmo que sobre mim pairou naquele dia abrasador e sagrado em que ela se afundou nos meus braços e te concebeu. — E seja o que for que agora te perturba, dúvida ou confusão, sabes finalmente a verdade; a tua própria mãe assim o quis; e já não podes ignorar que és meu filho.

FELIX

Seu filho... — Não passa de uma palavra. Ecoa no vazio. — Estou a vê-lo, eu sei, mas não consigo compreender.

JULIAN

Felix!

FELIX

Agora que sei tudo, o senhor tornou-se um estranho para mim. (*Afasta-se*)

QUARTO ACTO

Jardim da casa do senhor von Sala. À esquerda, a casa branca, de um só piso, com um amplo terraço, a partir do qual seis degraus em pedra vão em direcção ao jardim. Uma larga porta em vidro conduz do terraço ao salão. Em primeiro plano, um pequeno lago, rodeado de árvores em semicírculo. Uma alameda parte daqui em diagonal para a direita. À entrada desta alameda, junto ao lago, duas colunas. Sobre as colunas, os bustos em mármore de dois imperadores romanos. À direita do lago, sob as árvores, um banco de pedra com costas, em forma de semicírculo. Atrás, ao fundo, brilha o grade-

amento devido à escassez dos arbustos. Por detrás do gradeamento, a floresta frondosa e cor de fogo, eleva-se moderadamente. Céu outonal, azul pálido. Grande silêncio. — A cena vazia por uns momentos.

PRIMEIRA CENA

Sala e Johanna entram pelo terraço. Johanna vestida de preto, Sala de fato cinzento, com um sobretudo por cima dos ombros. — Descem a escada devagar.

SALA

É capaz de estar um pouco fresco para ti. *(Ele dá uns passos em direcção à sala, pega numa capa que ali estava à mão, põe-na sobre os ombros de Johanna. Lentamente dirige-se ao jardim)*

JOHANNA

Sabes o que penso? Que o dia de hoje é o nosso dia. — que nos pertence, só a nós. Chamámos por ele, e se quiséssemos, poderíamos fazer com que ele ficasse... Hoje todas as outras pessoas habitam o mundo apenas como hóspedes. Não é assim? E é mesmo assim, porque tu uma vez falaste deste dia.

SALA

Deste —?

JOHANNA

Sim... Quando a mãe ainda estava viva... E agora ele acabou por chegar. As folhas estão vermelhas, a bruma cor de oiro estende-se sobre as florestas, o céu está pálido e longínquo — e o dia é ainda mais belo e mais triste do que eu poderia ter imaginado. E estou a vivê-lo no teu jardim e vejo-me espelhada no teu lago. *(Ela está de pé e olha para baixo)* E afinal não vamos conseguir agarrá-lo, a este dia cor de oiro, mais do que à minha imagem que esta água possa reter, quando eu tiver partido.

SALA

Estranho, apesar deste ar claro, tépido, já cheira a Inverno e a neve.

JOHANNA

Por que é que isso te preocupa? Quando esse cheiro se tornar verdadeiro, já estás há muito no meio de outra Primavera.

SALA

Que queres dizer com isso?

JOHANNA

Lá para onde vocês vão, não há Inverno como o nosso.

SALA (*pensativo*)

Não, não há Inverno como o nosso. (*Pausa*) E tu?

JOHANNA

Eu -?

SALA

Quero dizer, quando eu tiver partido, que vais fazer?

JOHANNA

Quando tu tiveres partido —? (*Ela observa-o. Ele olha à distância*) Não partiste há muito de ao pé de mim? E neste preciso momento não estás afinal longe de mim?

SALA

Que estás para aí a dizer? Eu estou aqui, ao pé de ti... Johanna, que vais fazer?

JOHANNA

Já te disse: partir — como tu.

SALA (*abana a cabeça*)

JOHANNA

Assim que possível. Antes que me falte a coragem. Quem sabe o que irá ser de mim, se eu cá ficar.

SALA

Enquanto se é jovem, todas as portas se nos abrem e diante de cada porta espera-nos o mundo.

JOHANNA

Mas só quando não estamos presos a ninguém é que o mundo é vasto e o céu infinito. E é por isso que eu quero partir.

SALA

Partir — isso é fácil de dizer. Têm de se fazer preparativos de toda a espécie e um plano qualquer. Mas tu usas essa palavra como se te bastassem apenas asas para voares para longe.

JOHANNA

Estar decidida — também significa ter asas.

SALA

Nem sequer tens medo, Johanna?

JOHANNA

Um desejo veemente sem receio, seria um desejo veemente sem préstimo, sem merecimento.

SALA

Onde te vai ele conduzir?

JOHANNA

Hei-de encontrar o meu caminho.

SALA

O caminho podemos escolher, mas não as pessoas que encontramos.

JOHANNA

Achas que eu não sei que não fui feita para ter apenas belas experiências? Também me esperam as más e repelentes.

SALA

E como vais aguentá-las?... Vais ser capaz de as aguentar?

JOHANNA

Nem sempre serei sincera como contigo. Vou mentir — e penso nisso com prazer. Nem sempre estarei alegre e nem sempre serei prudente. Hei-de errar e sofrer. Assim vai ter de ser.

SALA

Sabes isso tudo de antemão, e no entanto...

JOHANNA

Sim.

SALA

E porquê?... Por que partes, Johanna?

JOHANNA

Por que parto? Quero ser capaz de estremecer perante mim própria mais tarde. Estremecer tão profundamente quanto possível, quando já nada me for estranho. O mesmo te vai acontecer, quando olhares para a vida que tens atrás de ti. Ou não vai?

SALA

É provável, claro. Mas justamente nesses momentos em que estremeço, nada existe, de facto, atrás de mim — tudo se torna outra vez presente. E o presente é passado. *(Ele senta-se no banco)*

JOHANNA

Que queres dizer com isso?

SALA *(cobre os olhos com a mão, em silêncio)*

JOHANNA

Que tens? Onde estás?

(Brisa ligeira, sussurro e queda de folhas)

SALA

Sou uma criança e cavalgo em cima do pónei campo fora. O meu pai vem atrás de mim e chama-me. À janela a minha mãe espera; ela traz um lenço de seda sobre o cabelo preto e acena-me com a mão... E eu sou um jovem tenente em manobras e do cimo de uma colina informo o meu coronel de que a infantaria inimiga está emboscada por trás do bosque, pronta a carregar, e lá em baixo, sob o sol do meio dia, vejo baionetas e botões a brilhar... E estou deitado sozinho no fundo de um bote à deriva, e olho através do ar de Verão azul escuro, e palavras de uma beleza incompreensível juntam-se umas às outras na minha cabeça — tão belas que jamais seria capaz de escrever uma coisa assim... E descanso sentado num banco, sob o ar sufocante, no parque junto ao lago de Lugano, e a Helene está sentada ao meu lado; ela tem na mão um livro de capa vermelha; ao longe sob a magnólia brinca a Lili com o rapazinho inglês, loiro, e eu oiço como eles tagarelam e riem...

E devagar, passeio com o Julian, para cá e para lá, sobre um tapete de folhas secas, e falamos de um quadro que vimos ontem. E eu estou a ver o quadro: dois velhos marinheiros de rostos gastos, sentados em cima do casco de um barco com a quilha virada para cima, de olhar triste fixado no mar infinito.

E eu sinto o infortúnio deles mais profundamente do que o pintor que pintou o quadro, mais profundamente do que eles próprios sentiriam se estivessem vivos... Tudo isso, tudo isso está presente — basta-me fechar os olhos, tudo está mais próximo do que tu, Johanna, quando não te vejo e quando te calas.

JOHANNA (*dirige-lhe um olhar melancólico*)

SALA

Presente... Que significa afinal? Neste momento estamos enlaçados, peito contra peito, como amigos que se abraçam — ou como inimigos que se atormentam? A palavra que acabou de soar não é já recordação? O tom com que começou uma melodia não é já recordação, mesmo antes da canção ter terminado? A tua entrada neste jardim, Johanna, não é já recordação? Os teus passos sobre aquele relvado não são já passados, como os passos de seres que morreram há muito?

JOHANNA

Não, não tem de ser assim. Isto põe-me triste.

SALA (*voltando ao presente*)

Porquê? Não faz sentido, Johanna. É justamente nestes momentos que nos apercebemos de que nada perdemos e de que, na verdade, não podemos perder nada.

JOHANNA

Ah, mas se tivesses esquecido e perdido tudo, eu poderia ser tudo para ti!

SALA (*como que surpreendido*)

Johanna —

JOHANNA (*apaixonadamente*)

Eu amo-te (*Pausa*)

SALA

Dentro de alguns dias já estarei longe, Johanna. Sabes isso... Soubeste-o logo.

JOHANNA

Eu sei. Por que mo dizes outra vez? Se calhar pensas que de repente eu me quero agarrar a ti como uma pinga-amor e sonhar com eternidades? — Não,

eu não sou dessas, oh não!... Embora eu te quisesse dizer uma vez mais que te amo. Posso, ao menos uma vez? — Estás a ouvir? Eu amo-te. E gostava que mais tarde voltasses a ouvir isto exactamente como eu agora o estou a dizer — num qualquer outro momento tão belo como este... e no qual já nada sabemos um do outro.

SALA

De uma coisa podes ter a certeza, Johanna, jamais esquecerei o som da tua voz. - mas por que havemos de falar de separação eterna? Talvez nos venhamos a encontrar mais tarde... daqui a três anos... ou daqui a cinco... *(Sorrindo)* Então talvez te tenhas tornado numa princesa e eu serei o príncipe de uma cidade afundada... Por que te calas?

JOHANNA *(puxa a capa mais para si)*

SALA

Tens frio?

JOHANNA

Oh, não. — Mas agora tenho de ir.

SALA

Estás assim com tanta pressa?

JOHANNA

Está a fazer-se tarde. Gostava de estar em casa antes do meu pai chegar.

SALA

Que estranho! — Hoje estás com pressa de ir para casa e não te queres atrasar, para que o teu pai não se inquiete, e dentro de alguns dias...

JOHANNA

Nessa altura ele também já não ficará à minha espera. Adeus, Stephan.

SALA

Então até amanhã.

JOHANNA

Sim, até amanhã.

SALA

Sais pela porta do jardim, não é?

JOHANNA

Não parou uma carruagem à porta da casa?

SALA

As portas estão fechadas. Ninguém pode entrar no jardim.

JOHANNA

Então adeus.

SALA

Até amanhã.

JOHANNA

Sim. *(Eles vão andando)*

SALA

Escuta, Johanna. — Se eu agora te dissesse: fica.

JOHANNA

Não, eu agora tenho de ir.

SALA

Não é isso que eu quero dizer.

JOHANNA

Então é o quê?

SALA

Se eu te pedisse para ficares comigo — durante... muito tempo.

JOHANNA

As tuas brincadeiras são peculiares.

SALA

Eu não estou a brincar.

JOHANNA

Esqueces-te de que — estás de partida?

SALA

Nada me prende. Nada me impede de ficar em casa, se não estiver disposto a partir.

JOHANNA

É por minha causa?

SALA

Eu não digo isso. Talvez por minha causa.

JOHANNA

Oh, não. Não deves desistir. Não me irias perdoar ter-te tirado isso.

SALA

Achas? (*Como que à espera*) E se partíssemos os dois juntos?

JOHANNA

Como?

SALA

Se te arriscasses a viajar comigo? É claro que é preciso ter um pouco de coragem. Não serias com certeza a única mulher. A baronesa Globina também vai connosco, ouvi dizer.

JOHANNA

Estás a falar a sério?

SALA

Completamente a sério. Pergunto-te se queres fazer a viagem comigo... Como minha mulher, claro, as formalidades também contam.

JOHANNA

Eu deveria ir —?

SALA

O que te perturba assim tanto?

JOHANNA

Contigo?... Contigo?

SALA

Não me compreendas mal, Johanna. Isto não é razão para ficares ligada a mim para todo o sempre. Quando regressarmos, podemos dizer adeus um ao outro — sem mais. É uma coisa muito simples. Os teus sonhos não os posso realizar todos — eu sei isso muito bem... Não precisas de me dar já uma resposta. Momentos como este transformam-se muito facilmente em palavras que deixam de ser verdadeiras no dia seguinte. Não gostaria de te ouvir dizer uma dessas palavras.

JOHANNA *(olhou para ele durante este discurso, como se quisesse beber-lhe as palavras)*

Não, eu não digo nada... eu não digo mesmo nada.

SALA *(olha para ela longamente)*

Vais pensar nisto e amanhã dás-me uma resposta.

JOHANNA

Sim. *(Ela olha para ele longamente)*

SALA

Que tens?

JOHANNA

Nada. — Até amanhã. Adeus.

(Ele acompanha-a. Ela sai pela porta do jardim)

SALA *(regressa e fica de pé junto ao lago)*

É como se eu quisesse procurar a imagem dela ali dentro... Por que estava ela tão perturbada? Felicidade? — Não, não era felicidade... Por que me olhou ela assim?... Por que estava ela assustada? O seu olhar parecia querer despedir-se para sempre... *(Assusta-se de repente)* Teria a ver comigo? ... Mas como pode ela saber?... Então também todos o sabem —!

(Ele olha fixamente no vazio. - Sobe devagar em direcção ao terraço, depois dirige-se ao salão, volta outra vez com Julian)

SEGUNDA CENA

Sala e Julian.

JULIAN

E quer abandonar em breve todo este esplendor?

SALA

Ele estará aqui quando eu voltar, assim espero.

JULIAN

É o que desejo para bem de nós dois.

SALA

Parece tão céptico...

JULIAN

Pois estou — penso no notável artigo no jornal *Tagespost*.

SALA

A respeito de quê?

JULIAN

Bom, sobre os acontecimentos no Mar Cáspio.

SALA

Ah, os jornais daqui já falam disso?

JULIAN

A situação em certas regiões que vão atravessar parece ser de facto perigosíssima.

SALA

Exageros. Nós estamos bastante bem informados. Na minha opinião, por detrás destes artigos estão as pequenas invejas de cientistas ingleses. O que você leu foi traduzido do *Daily News* de há três semanas. — Por acaso viu o Felix?

JULIAN

Ainda ontem à noite estive em minha casa. E hoje fui eu a casa dos Wegrat. Ele manifestou o desejo de ver o quadro da mãe que eu pintara há vinte e três anos. — E foi assim que acabei por lhe contar tudo.

SALA

Compreendo. (*Pensativo*) E ele como reagiu?

JULIAN

Ficou bastante mais abalado do que eu imaginara.

SALA

Bom, Calculo que você não tenha ficado à espera que ele lhe caísse nos braços como o filho pródigo na comédia.

JULIAN

Não. Claro que não. — Contei-lhe tudo abertamente; daí ele ter sentido com maior impacto a injustiça de que foi alvo o marido da mãe. Mas isso não vai durar muito. Em breve ele compreenderá que, em última instância, não houve qualquer injustiça. Pessoas do género do Wegrat não foram feitas nem para — ter mulher nem filhos. Podem ser refúgio, lugar de acolhimento — mas nunca um lar. Percebe o que eu quero dizer? A missão deles é receber nos braços seres cansados ou despedaçados por uma qualquer paixão. Embora nunca se apercebam de onde vêm esses seres. Também lhes é permitido atraí-los a si e acarinhá-los, mas não compreendem para onde eles vão. Existem em nome de um sacrifício inconsciente e é através deste que alcançam felicidade, sentimento que talvez a muitos pareça bastante miserável.... Está calado?

SALA

Estou a ouvi-lo.

JULIAN

E não me diz nada?

SALA

Pois... É muito fácil tocar escalas, quando o violino não tem cordas...

TERCEIRA CENA

Julian. Sala. Felix. A seguir o criado.

Escurece um pouco.

SALA

Quem é?

FELIX *(no terraço)*

Sou eu. O seu criado disse que eu...

SALA

Oh, Felix! Seja bem aparecido.

FELIX *(descendo os degraus)*

Boa noite, senhor von Sala. — Boa noite senhor Fichtner.

JULIAN

Boa noite, Felix.

SALA

Tenho imenso prazer em o ver aqui.

FELIX

As velhas árvores magníficas!

SALA

Um pedaço de floresta — basta que esqueça o gradeamento. — Felix, o que o traz por cá? Estive à sua espera hoje de manhã cedo. Já tomou uma decisão?

JULIAN

Incomodo?

FELIX

Oh, não. Não é segredo. — Aceito a sua proposta, senhor von Sala, e peço-lhe que tenha a bondade de falar com o conde Vronsky.

SALA *(aperta-lhe a mão)*

Com todo o prazer... *(Para Julian)* Trata-se do nosso empreendimento asiático.

JULIAN

Como? ... Estás a pensar juntar-te a esta expedição?

FELIX

Estou.

SALA

Já falou com o seu pai?

FELIX

Quero fazê-lo hoje à noite. — Mas isso é mera formalidade. Estou decidido, caso não surjam quaisquer obstáculos...

SALA

Ainda hoje vou falar com o conde.

FELIX

Como posso agradecer-lhe?

SALA

Não há nada para agradecer. Eu não preciso de dizer mais nada. O conde sabe tudo o que precisa sobre si.

O CRIADO (*aparece no terraço*)

Uma senhora manda perguntar se o senhor está em casa.

SALA

Ela não disse o nome? — Peço-vos desculpa por um momento. (*Em direcção ao criado, afasta-se*)

QUARTA CENA

Julian e Felix.

JULIAN

Partes?

FELIX

Sim. Estou muito feliz por ter esta oportunidade.

JULIAN

E também já te informaste bem sobre a verdadeira natureza deste empreendimento?

FELIX.

Seja ela qual for, espera-me uma actividade genuína e um mundo novo abre-se para mim.

JULIAN

E tudo isto não poderia acontecer associado a perspectivas mais favoráveis?

FELIX

É provável. Mas eu não estou disposto a esperar.

QUINTA CENA

Felix. Julian. Sala. Irene.

IRENE *(ainda no terraço com Sala)*

Não podia deixar Viena sem cumprir a minha promessa.

SALA

Agradeço-lhe muito, menina Herms.

IRENE *(descendo os degraus com Sala)*

Mas isto é verdadeiramente deslumbrante. — Boa noite, Julian. Boa noite, senhor tenente.

SALA

Devia ter vindo mais cedo, Fräulein Herms, ainda teria visto tudo iluminado pelo sol.

IRENE

Mas eu estive aqui há duas horas. Nessa altura era um palácio encantado. Não foi possível entrar. A campainha nem sequer tocou.

SALA

Ah, sim. Peça perdão; se eu tivesse adivinhado...

IRENE

Mas não tem qualquer importância. Aproveitei bem o tempo. Fui de carruagem dar um longo passeio pela floresta até perto de Neustift e Salmansdorf¹³. E depois apei-me e comecei a andar por um caminho de que me lembrava, doutros tempos. *(Ela olha para Julian)* Sentei-me num banco a descansar, onde há muitos, muitos anos me sentara com um bom amigo. *(Sorrindo)* Ainda se lembra, senhor Fichtner? A paisagem é tão bela. Vê-se a cidade inteira e os campos a perder de vista até ao Danúbio.

SALA *(apontando para o banco de pedra)*

Não se quer sentar aqui por um momento, menina Herms?

13 Neustift am Walde e Salmansdorf foram durante muitos séculos pequenos municípios autónomos nos arredores de Viena, hoje integrados no distrito de Döbling. Esta região é muito apreciada pelos seus habitantes e forasteiros, devido aos muitos caminhos assinalados para passeios pedestres na floresta Dorotheer e acesso aos seus centros históricos medievais preservados. Irene reporta-se à memória que preservou dos lugares visitados sem destaque para qualquer pormenor da paisagem. A sua atenção concentra-se no efeito geral da mesma sobre si própria. (N.T.)

IRENE

Obrigada. *(Ela pega no lorgnon e olha atentamente os bustos dos imperadores)* Parece que estamos em Roma... Mas será que interrompi a vossa conversa?

SALA

De maneira nenhuma.

IRENE

A mim parece-me que sim. Estão todos com um ar tão sério. — É melhor eu ir-me embora.

SALA

Não, está proibida de ir, menina Herms. — Há mais alguma coisa que me queira perguntar, Felix, a propósito do nosso assunto?

FELIX

Se a menina Herms nos dispensar por um minuto...

IRENE

Mas com certeza!

SALA

Dá licença, menina Herms —

FELIX

Trata-se, na verdade, do que tenho de fazer em relação ao meu regimento...
(Põe-se em movimento. Afasta-se devagar com Sala)

SEXTA CENA

Irene e Julian.

IRENE

Que segredos têm aqueles dois? Afinal o que se passa aqui?

JULIAN

Nada de misterioso. Este jovem também quer juntar-se à expedição, acabo de saber. É natural que tenham coisas a acertar.

IRENE *(que esteve a seguir Felix e Sala com o olhar)*

Julian. — É ele.

JULIAN (*mantém-se calado*)

IRENE

Não precisas de responder. Não tenho parado de pensar nisso... Só não compreendo como é que não descobri há mais tempo. É ele. — E tem vinte e três anos. — E naquela altura quando me rejeitaste até cheguei a pensar: só espero que ele não se suicide!... E eis que ali vai o filho dele.

JULIAN

Em que é que isso me ajuda? Ele não me pertence.

IRENE

Vê bem! Ele vai ali, ele está vivo, ele é jovem e belo! Isto não basto? (Ela levanta-se) E eu é que fiquei arruinada.

JULIAN

Como?

IRENE

Estás a perceber? Arruinada...

JULIAN

Nunca imaginei.

IRENE

De qualquer modo não me poderias ter ajudado. (*Pausa*) Adieu. Dá uma desculpa por mim. Diz-lhes o que quiseres. Estou de partida. Não quero saber de mais nada.

JULIAN

Que se passa contigo? Nada se alterou.

IRENE

Achas? Para mim é como se estes vinte e três anos se tivessem de repente tornado noutra coisa. — Adeus.

JULIAN

Adeus. Até breve.

IRENE

Até breve? O que é que isso te importa? Sim? — Estás triste, Julian? Agora até já me estás outra vez a fazer pena. (*Abanando a cabeça*) Vocês são mesmo assim. O que é que se há-de fazer!

JULIAN

Controla-te, eles vêm aí.

SÉTIMA CENA

Irene. Julian. Sala. Felix.

SALA

Bom, agora parece estar tudo resolvido.

FELIX

Agradeço-lhe muito. Agora tenho de me despedir.

IRENE

Amanhã já parte outra vez?

FELIX

Sim, Fräulein Herms.

IRENE

Vai para a cidade, não é senhor tenente? Se não se importa, eu levo-o.

FELIX

É muito amável da sua parte.

SALA

Como, Fräulein Herms? ...? Mas que visita tão curta.

IRENE

Sim, ainda tenho umas coisas a tratar. Pois amanhã regresso ao deserto; e se calhar não volto tão cedo a Viena. — Bom, senhor tenente?

FELIX

Adieu, senhor Fichtner. E se não o voltar a ver...

JULIAN

Ainda nos vamos voltar a ver.

IRENE

As pessoas vão pensar: olha o senhor tenente com a senhora sua mãe. *(Ela lança um último olhar a Julian)*

SALA *(acompanha Irene e Felix em direcção ao terraço)*

JULIAN *(fica para trás; anda de um lado para o outro. Algum tempo depois, Sala regressa)*

OITAVA CENA

Julian e Sala.

JULIAN

Tem a certeza absoluta de que o seu apelo junto do conde Vronsky vai ser bem-sucedido?

SALA

Se o conde não me tivesse dado certas garantias, eu não teria alimentado esperanças no Felix.

JULIAN

Por que fez isso, Sala?

SALA

Talvez porque tenha grande simpatia pelo Felix e goste de viajar em agradável companhia.

JULIAN

E nem sequer lhe ocorreu que a ideia de o perder me causa sofrimento?

SALA

Ora, Julian! Só se pode perder o que se possuiu. E só se pode possuir aquilo sobre o que se adquiriu um direito. Sabe isso tão bem como eu.

JULIAN

O facto de precisarmos de alguém não nos dá, em última instância, um certo

direito sobre essa pessoa? - Sala, não é capaz de compreender que ele é a minha esperança derradeira? Que neste momento nada me resta, nem ninguém, a não ser ele?... Que para onde quer que me volte só encontro o vazio?... Que tenho pavor da solidão que me espera?

SALA

E em que é que isso o ajudaria, se ele ficasse? Em que o ajudaria, se ele sentisse por si qualquer coisa parecida com ternura filial?... Como pode ele, ou quem quer que seja, ajudá-lo?... Você tem medo da solidão?... E se tivesse a seu lado uma mulher, não estaria hoje sozinho? E mesmo que estivesse rodeado de filhos e netos, não estaria sozinho?... Imagine que tinha fortuna, glória, genialidade — não estaria sozinho?... E mesmo que tivéssemos a companhia de um grupo de bacantes — apesar disso, não deixaríamos de fazer sozinhos o caminho descendente... nós, os que não pertencemos a ninguém. Envelhecer é agora para nós uma ocupação solitária, e só um louco não se prepara a tempo para não depender de ninguém.

JULIAN

E você, Sala, você acha que não precisa de ninguém?

SALA

Bem, a maneira como me relacionei com as pessoas faz com que elas estejam a todo o instante há minha disposição. Sempre fui a favor de uma certa distância. Não tenho culpa de que os outros não reparem nisso.

JULIAN

Sala, nesse ponto tem toda a razão. Você nunca amou ninguém neste mundo.

SALA

É possível. E você? Não mais do que eu, Julian... Amar significa viver para alguém. Eu não digo que essa maneira de existir seja a mais desejável, mas em todo o caso penso que nós dois estivemos muito longe dela. Em que se parece aquilo que demos ao mundo com amor? Pode incluir toda a espécie de divertimento, falsidade, ternura, vulgaridade, paixão, tudo coisas que se fazem passar por amor — mas amor não é com certeza... Sacrificámo-nos alguma vez, sem que a nossa sensualidade ou a nossa vaidade não saíssem em vantagem?... Alguma vez hesitámos em enganar ou trair pessoas decentes, se com isso só desejávamos alcançar uma hora de felicidade ou de mero prazer?... Alguma vez pusemos em jogo a nossa tranquilidade ou a nossa vida — não por capri-

cho ou imprudência... isso não, mas para promover o bem-estar de alguém que se tenha entregue a nós?... Alguma vez renunciámos a um prazer, a não ser que essa renúncia pudesse ao menos contribuir para o nosso conforto?... E você acha que poderíamos exigir de alguém — homem ou mulher — qualquer coisa que lhe tivéssemos oferecido? Não me refiro a nenhum colar de pérolas, a nenhuma pensão, nem sequer a um conselho barato, mas a um pedaço do nosso ser — uma hora da nossa existência, que nós tivéssemos verdadeiramente perdido para essa pessoa, sem nos termos feito logo pagar, independentemente da moeda. Meu caro Julian, mantivemos as nossas portas abertas e deixámos os nossos tesouros à vista — mas pródigos nunca fomos. Você não mais do que eu. Julian, podemos perfeitamente estender a mão um ao outro. Eu lamento-me um pouco menos do que você, é esta a grande diferença. — Mas eu não lhe estou a contar nada de novo. Você conhece isto tudo tão bem como eu. É simplesmente impossível que não nos conheçamos; de vez em quando fazemos um esforço sério para nos iludirmos a nós mesmos, mas nunca resulta. É possível que sejamos capazes de esconder dos outros as nossas loucuras e infâmias — mas de nós mesmos não. No mais fundo das nossas almas sabemos sempre o que lá existe. — Está a ficar fresco, Julian, vamos para dentro.

(Eles começam a subir)

JULIAN

Sala, tudo isso pode ser verdade. Mas vai dar-me razão. Se houver alguém no mundo que não tenha o direito de nos fazer pagar pelos erros das nossas vidas, essa pessoa será a que tem de nos agradecer pela sua própria existência.

SALA

Não se trata de fazer ou não pagar. O seu filho, Julian, tem o sentido do que é essencial. Foi você mesmo que o afirmou. E ele sente que é muito pouco o que se faz por uma pessoa, quando esse pouco mais não é do que trazê-la ao mundo.

JULIAN

Então, ao menos, que fique tudo como dantes, quando ele nada sabia. Quero voltar a ser para ele como outra pessoa qualquer. Assim ele não ousará deixar-me... Isso eu não aguento. Será que mereço que ele fuja de mim? E mesmo se tudo o que eu considerarei como bom e verdadeiro até hoje — incluindo também o afecto por este ser jovem que é meu filho —, não passasse de auto-ilusão — agora eu amo-o... Compreende, Sala? Eu amo-o e tudo o que peço é que ele acredite nisso, antes que tenha de o perder para sempre...

(Ecuridão. Os dois homens atravessam o terraço e entram no salão. O palco fica vazio por momentos. O vento tornou-se um pouco mais forte)

NONA CENA

JOHANNA *(vem da direita através da alameda, passa, devagar, junto ao lago e dirige-se ao terraço. — As janelas do salão que dá para o jardim estão iluminadas. Sala está sentado à mesa; o criado entrou e serve-lhe um copo de vinho. — Johanna pára e fica de pé. Ela parece estar muito agitada e sobe dois dos degraus que conduzem ao terraço. Sala ouve um barulho e vira a cabeça momentaneamente. Johanna repara nisso, desce as escadas a correr e pára junto ao lago. Fica a olhar para a água)*

QUINTO ACTO

Jardim dos Wegrat

PRIMEIRA CENA

Doutor Reumann e Julian

DOUTOR REUMANN *(está sentado junto a uma pequena mesa e escreve qualquer coisa no seu livro de notas)*

JULIAN *(vem a correr pela varanda)*
É verdade, senhor doutor?

DOUTOR REUMANN *(levanta-se)*
Sim, é verdade.

JULIAN
Desapareceu?

DOUTOR REUMANN
Sim, ela desapareceu. Foi-se embora desde ontem à tarde. Não deixou nenhuma mensagem, não levou nada com ela — partiu simplesmente e nunca mais voltou.

JULIAN
Sim, mas afinal o que aconteceu?

DOUTOR REUMANN
Não fazemos a mais pequena ideia. Talvez se tenha perdido e volte outra vez.

Ou se calhar tomou uma decisão repentina... Se ao menos soubéssemos com que finalidade.

JULIAN

Os outros onde estão?

DOUTOR REUMANN

Tínhamos combinado encontrarmo-nos todos aqui às dez. Fui a vários hospitais e a outros lugares, onde pudesse haver um qualquer rasto dela... O Professor já deve ter participado à polícia.

SEGUNDA CENA

Doutor Reumann e Julian. Felix chega a correr.

FELIX

Nada?

DOUTOR REUMANN

Nada.

JULIAN *(estende a mão a Felix)*

DOUTOR REUMANN

De onde vem você?

FELIX

Estive em casa do senhor von Sala.

DOUTOR REUMANN

Como?

FELIX

Não me pareceu impossível que ele pudesse ter uma suspeita qualquer, ou que nos pudesse dar uma qualquer direcção. Mas ele não sabe de nada. Isso foi claro. Se ele soubesse alguma coisa — alguma coisa de concreto, ele tinha-mo dito. Não tenho dúvida. Ele ainda estava na cama, quando me fiz anunciar. Suponho até que pensou que se tratava do nosso assunto. Assim que ouviu que a Johanna tinha desaparecido, ficou muito pálido... mas ele não sabe de nada.

TERCEIRA CENA

Julian. Doutor Reumann. Felix. Chega Wegrat.

WEGRAT

Nada?

(Os outros abanam a cabeça. Julian aperta-lhe a mão)

WEGRAT *(senta-se)*

Pediram-me dados concretos, pormenores. Será que os há? Eu não os tenho... isto para mim é completamente misterioso. *(Virando-se para Julian)* Ela saiu à tarde para ir dar um passeio como faz muitas vezes... *(Virando-se para Felix)* Será que poderíamos ter reparado em alguma coisa? Parece-me completamente impossível que ela já estivesse a pensar em qualquer coisa, quando saiu de casa... que ela já soubesse — que se ia embora para sempre.

FELIX

Se calhar sabia.

WEGRAT

Ela era muito fechada — e especialmente nos últimos tempos, desde a morte da mãe. — Será que poderia ser isso?... Senhor doutor, acha isso possível?

DOCTOR REUMANN *(encolhe os ombros)*

FELIX

Qual de nós, afinal, a conhecia? Afinal, quem se preocupa verdadeiramente com os outros?

DOCTOR REUMANN

Talvez seja preferível assim. De outro modo ficaríamos todos loucos de compaixão, náusea ou angústia. *(Pausa)* Agora tenho de ir ver os meus doentes; tenho algumas visitas que não podem ser adiadas. Volto ao meio dia. Até mais logo. *(Sai)*

QUARTA CENA

Julian. Felix. Wegrat

WEGRAT

E pensar que a vi crescer, que a vi passar de criança a rapariga, que a vi tornar-se numa jovem senhora — e que troquei com ela centenas de milhares

de palavras... E um belo dia ela levanta-se da mesa, pega no chapéu e no casaco, e sai... sai sem se despedir, e não fazemos ideia para onde ela se tenha evaporado, se para o nada ou para uma vida nova.

FELIX

Mas, pai, seja o que for que tenha acontecido — ela queria deixar-nos. E, em todo o caso, isso pode ser para nós uma forma de apaziguamento.

WEGRAT (*abanando a cabeça, perplexo*)

Tudo se desvanece... Quer queiramos quer não — Tudo nos escapa.

FELIX

Pai, não podemos saber o que aconteceu. De considerar seria, em todo o caso, que a Johanna pudesse ter seguido um propósito que viria a abandonar. Talvez ela esteja de volta dentro de algumas horas ou mesmo dias.

WEGRAT

Tu acreditas... Tu achas isso possível?

FELIX

Possível — acho. Mas se ela não voltar... pai, é claro que renuncio ao plano de que te falei ontem. Nas circunstâncias presentes não penso que pudesse afastar-me de ti durante tanto tempo.

WEGRAT (*para Julian*)

Agora ele quer sacrificar-se por minha causa!

FELIX

Talvez eu consiga que me transfiram para aqui.

WEGRAT

Não, Felix, sabes muito bem que eu não aceito isso.

FELIX

Mas não é sacrifício nenhum. Pai, eu comprometo-me a ficar contigo, pela simples razão de que não *seria capaz* de te abandonar agora.

WEGRAT

Oh, sim, Felix, capaz serias — tu vais ser capaz. Por minha causa não tens de

ficar aqui — não precisas de ficar aqui. Eu nunca ficaria a saber em que medida me iria ajudar o facto de desistires deste projecto que abraçaste com tanto entusiasmo. Seria imperdoável da tua parte recuares, e eu sentir-me-ia culpado de ser um impedimento no teu percurso. Bem podes estar feliz por finalmente ires ao encontro de um caminho, no qual talvez venhas a descobrir tudo aquilo por que anseias. Felix, eu próprio estou feliz. Se perderes esta oportunidade, vais-te arrepender a vida inteira.

FELIX

Mas desde ontem é provável que muita coisa, mesmo muita coisa tenha mudado — para ti e para mim.

WEGRAT

Para mim — talvez. — Mas não falemos desse assunto. Eu não admito... eu não aceito esse sacrifício. É claro que o aceitaria se visse nele alguma vantagem especial para mim. Mas perder-te-ia na mesma, como se tivesses partido... mais ainda... do que se tivesses partido para sempre. Este destino que se abate sobre nós não tem de acrescentar também ao seu poder o que há de mais terrível na nossa loucura, de tal modo que façamos coisas que sejam contra a nossa natureza. Algum dia havemos de superar a infelicidade que nos atinge, mesmo a mais aterradora. Mas o mal que fizermos contra o nosso âmago mais profundo, não poderá ser reparado. (*Voltando-se para Julian*) Não é assim, Julian?

JULIAN

Tens toda a razão.

FELIX

Obrigado, pai. Obrigado por me ajudares tão bem a estar de acordo contigo.

WEGRAT

Ainda bem, Felix... Durante as poucas semanas em que ficas na Europa, havemos ainda de poder conversar um com o outro — talvez mais do que nos últimos anos. Na verdade, pouco ou nada sabemos um do outro... Ah, estou cansado. Estivemos acordados toda a noite.

FELIX

Pai, não quer ir descansar um pouco?

WEGRAT

Descansar... Ficas agora em casa, Felix, não ficas?

FELIX

Sim, eu quero ficar à espera. Que mais podemos fazer?

WEGRAT

Dou voltas à cabeça... Por que não falou ela comigo? Por que não soube eu nada dela? Por que estive sempre tão longe dela?

(Ele sai)

QUINTA CENA

Julian e Felix.

FELIX

E este homem foi enganado — durante toda a vida — por nós todos.

JULIAN

Neste mundo não há pecado, crime ou fraude que não possam ser reparados. E exactamente em relação ao que aconteceu aqui, não deveria haver reconciliação, não deveria haver esquecimento?

FELIX

Será possível que não compreenda?... Aqui a mentira tornou-se eterna. Não consigo escapar a isso. E quem o fez foi a minha mãe — e quem a levou a isso foi o senhor — e a mentira sou eu próprio, enquanto continuar a passar por aquilo que não sou.

JULIAN

Então contemos a verdade, Felix. — Eu enfrentarei um juiz à tua escolha e submeto-me a qualquer veredicto que sobre mim seja lançado. — Será que mereço ser condenado para sempre? Será que mereço ser o único, de entre todos os que erraram, a nunca poder dizer: "eu expiei o meu erro"?

FELIX

É tarde demais. A confissão só pode atenuar a culpa se o culpado puder pagar por ela. O senhor sabe e sente perfeitamente que esse prazo há muito foi ultrapassado.

SEXTA CENA

Felix. Julian. Sala

FELIX

Senhor von Sala! Tem alguma coisa a dizer-me?

SALA

Tenho. — Bom dia, Julian... Fique, Julian. Agrada-me ter uma testemunha.
(*Para Felix*) Está decidido a participar na expedição?

FELIX

Estou.

SALA

Eu também. Mas é possível que um de nós tenha de desistir.

FELIX

Senhor von Sala...?

SALA

Não seria desejável, calculo, encetar uma viagem tão longa com alguém que talvez preferíssemos matar se o conhecêssemos a fundo.

FELIX

Senhor von Sala, onde está a minha irmã?

SALA

Não sei. Não faço ideia onde ela esteja neste momento. Ontem à noite, antes de você chegar, ela acabara de me deixar pela última vez.

FELIX

Senhor von Sala —

SALA

Ela disse-me adeus com duas palavras: até amanhã. Como vê, hoje de manhã eu tinha toda a razão para me mostrar surpreendido, quando você apareceu em minha casa. Permita que lhe diga ainda que ontem pedi à Johanna que fosse minha mulher, o que pareceu tê-la agitado muito. Não lhe digo isto com a intenção de atenuar as coisas. Pois o meu pedido não se destinava a reparar qualquer falta que eu tivesse cometido, mas talvez não passasse de um capricho — um entre muitos. Trata-se apenas de lhe dar a conhecer a verdade. De qualquer modo, estou à sua inteira disposição. — Isto para dizer que consi-

derei absolutamente necessário que falássemos sobre este assunto, antes de se dar o caso de acabarmos juntos a descer pelas profundezas da terra ou a dormir debaixo da mesma tenda.

FELIX *(após uma pausa longa)*

Senhor von Sala... nós não vamos dormir debaixo da mesma tenda.

SALA

Como?

FELIX

A sua viagem já não o leva tão longe.

(Pausa prolongada)

SALA

Claro... Eu compreendo-o. Tem a certeza do que diz?

FELIX

Absolutamente. *(Pausa)*

SALA

A Johanna sabia?

FELIX

Sabia.

SALA

Eu agradeço-lhe. — Oh, pode apertar à vontade a minha mão. O assunto foi resolvido da maneira mais cavalheiresca possível. — Bom?... Não é costume alguém recusar a mão daquele que está por terra.

FELIX *(estende-lhe a mão. Diz a seguir:)*

E onde poderá ela estar?

SALA

Não sei.

FELIX

Ela não fez alusão a nada?

SALA

A nada.

FELIX

Mas não faz ideia? Ela não falou talvez de uma ligação qualquer — no estrangeiro? Será que ela tinha algures amigas ou amigos que eu não conhecesse?

SALA

Que eu soubesse, não.

FELIX

Acha que ela ainda está viva?

SALA

Não sei.

FELIX

Não *quer* falar mais, senhor von Sala?

SALA

Eu não *posso* falar mais. Eu já não tenho mais nada a dizer. Seja feliz, e boa sorte para a sua viagem. Dê cumprimentos meus ao conde Vronsky.

FELIX

Não nos estamos a ver pela última vez, pois não?

SALA

Quem o pode saber?

FELIX (*estende-lhe a mão*)

Vou já ter com o meu pai. Sinto-me na obrigação de lhe dizer o que me acabou de contar.

SALA (*concorda com um movimento de cabeça*)

FELIX (*para Julian*)

Adieu. (Sai)

SÉTIMA CENA

Julian e Sala.

Afastam-se juntos.

JULIAN *(para Sala que pára de repente)*

Por que hesita? Vamos.

SALA

É muito estranho saber isso. Há véus a deslizar por cima de tudo... Fora daqui! Não me apetece ter de me submeter a isto, enquanto por cá andar — e nem que fosse apenas por uma hora...

JULIAN

Você acredita então nisso?

SALA *(olha longamente para Julian)*

Se acredito...? — Ele portou-se bem, o seu filho... Nós não vamos dormir de baixo da mesma tenda... Nada mal! Podia ter sido eu a dizê-lo...

JULIAN

Por que não vem? Talvez ainda tenha alguma coisa a dizer?

SALA

De facto tenho.

JULIAN

Sala?!

SALA

De facto não falei de uma estranha alucinação que experimentei exactamente antes de ter vindo para aqui. Penso que foi uma...

JULIAN

Mas conte!

SALA

Imagine: Antes de sair de casa — logo depois de o Felix ter partido, fui ao meu jardim — isto é, atravessei-o — num estado de excitação estranho, que vai compreender. E quando me aproximei do lago, foi como se tivesse visto no fundo...

JULIAN

Sala!

SALA

As águas reflectiam um brilho azul esverdeado, sobre o qual tombavam as sombras das faias ao raiar da manhã. E estranhamente a Johanna dissera ontem esta frase: “Mais do que à minha imagem que esta água possa reter, quando eu tiver partido...”¹⁴ — Pode bem ser uma maneira de provocar o destino... E quando passei junto ao lago, foi como se... a água afinal tivesse retido a sua imagem.

JULIAN

Isso é verdade?

SALA

Verdade — ou não... que pode isso significar para mim? Só faria sentido se eu continuasse neste mundo por mais um ano — ou pelo menos mais uma hora.

JULIAN

Está a pensar - -?

SALA

Claro que estou. Não imagina que vou ficar à espera? Seria um pouco penoso. (*para Julian, rindo*) Quem lhe vai dar agora as deixas, caro amigo? Onde estão as termas de Caracala? Onde está o Parque de Lugano?... Onde está minha bela casinha? Nem mais longe nem mais perto do que aqueles degraus de mármore que conduzem a profundezas misteriosas... Véus por todo o lado... — O seu filho talvez descubra se o tricentésimo décimo segundo degrau é o último — e se não for, também não lhe fará grande diferença. — Não acha que ele se portou à altura?... Parece-me aliás que está outra vez a crescer uma geração melhor — com mais porte e menos espírito. — Que o céu o guarde, Julian.

JULIAN (*quer acompanhá-lo*)

SALA (*com gentileza, mas firme*)

Fique, Julian. O nosso diálogo terminou. Seja feliz. (*Sai rapidamente*)

OITAVA CENA

Julian e Felix. Depois Wegrat.

14 Sala procura reproduzir o discurso de Johanna, mas engana-se ao citá-lo. Em vez de «possa reter» a figura feminina usa a palavra «guardará», acentuando o seu suicídio. (N.T.)

FELIX *(entra a correr)*

O senhor von Sala foi-se embora? O meu pai queria falar com ele. — E o senhor ainda está aqui?... Por que se foi embora o senhor von Sala? Que lhe disse ele? — Johanna...! ... Johanna ...?

JULIAN

Ela morreu ... afogou-se no lago.

FELIX *(com um grito de horror)*

Para onde foi ele?

JULIAN

Já não o vais encontrar mais.

FELIX

Que pensa ele fazer?

JULIAN

Ele expia... Enquanto é tempo...

WEGRAT *(entra pela varanda)*

FELIX *(indo ao encontro dele)*

Pai...

WEGRAT

Felix! Que aconteceu?

FELIX

Temos de ir a casa do Sala, pai.

WEGRAT

Morta?...

FELIX

Pai! *(Ele agarra a mão de Wegrat e beija-a)* Meu pai!

JULIAN *(afasta-se lentamente)*

WEGRAT

É preciso que aconteçam coisas assim, para que esta palavra seja ouvida como se fosse pela primeira vez...?